

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SUSAN ALESSANDRA DE SOUSA FERREIRA



CAPOEIRA E PROCESSOS FORMATIVOS: CARTOGRAFIAS AFETIVAS

CURITIBA

2019

SUSAN ALESSANDRA DE SOUSA FERREIRA

CAPOEIRA E PROCESSOS FORMATIVOS: CARTOGRAFIAS AFETIVAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kátia Maria Kasper

CURITIBA

2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de
Bibliotecas/UFPR-Biblioteca do Campus Rebouças
Maria Teresa Alves Gonzati, CRB 9/1584
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ferreira, Susan Alessandra de Sousa.

Capoeira e processos formativos : cartografias afetivas / Susan
Alessandra de Sousa Ferreira. – Curitiba, 2018.
104 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná.
Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.
Orientadora: Profª Drª Kátia Maria Kasper

1. Capoeira. 2. Professores – Formação. 3. Atividade física. I.
Título. II. Universidade Federal do Paraná.

CDD 796.8

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado Profissional de **SUSAN ALESSANDRA DE SOUSA FERREIRA**, intitulada: **CAPOEIRA E PROCESSOS FORMATIVOS: CARTOGRAFIAS AFETIVAS**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa. A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 26 de Fevereiro de 2019.



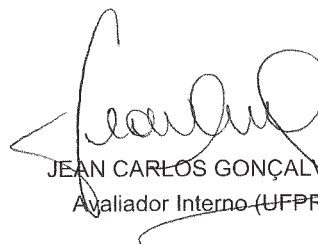
KÁTIA MARIA KASPER

Presidente da Banca Examinadora



MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO

Avaliador Externo (UNESP)



JEAN CARLOS GONÇALVES

Avaliador Interno (UFPR)

À minha mãe, Silvia, pela vida, renúncias e amor incondicional.

AGRADEÇO

A **Deus**, força maior que me impulsiona e inspira um despertar diário com coragem, humildade e resiliência.

Aos meus pais, **Altair** e **Silvia**, pela vida, educação e exemplo de honestidade e generosidade.

À minha filha, **Kauana**, que tanto me orgulha, me emociona, me encanta, me ensina. Sua felicidade é a minha também!

Ao meu amor, mestre e amigo, **“Rato”**, pelo exemplo de vida, garra, disciplina; pelos valiosos ensinamentos na capoeira, por me formar professora nesta arte, por incentivar meus sonhos e me amar, sobretudo, nos meus dias mais difíceis.

Ao meu gatinho **Cedrico**, não poderia deixá-lo de fora, por tantos momentos lúdicos e amorosos que transformam meus dias, meu lar.

Aos meus irmãos, **Anderson** e **Altair Júnior**, pela cumplicidade e pelos sobrinhos e sobrinhas encantadores que me deram junto às minhas cunhadas, **Josiele** e **Karla**, que torcem e vibram comigo – são as irmãs que a vida me deu.

À minha orientadora, professora doutora **Kátia Maria Kasper**, por estar junto neste deslocar-me com a pesquisa, contribuindo significativamente com a minha (trans) formação, devir-pesquisadora. Agradeço sua compreensão, abertura, afetividade e sensibilidade nessa travessia.

À banca examinadora, composta pelos professores doutores **Jean Carlos Gonçalves** e **Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo**, pelo aceite em “entrar na roda e gingar comigo”, pela leitura atenta, pelos apontamentos, sugestões e provocações na banca de qualificação, e por continuarem “jogando” comigo até a banca de defesa.

À **Universidade Federal do Paraná**, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Teoria e Prática de Ensino, por abrir um mestrado profissional que dialoga com a escola, e por privilegiar encontros acadêmicos vibrantes. Valeu turma 2016!

Ao grupo de estudos dos (as) orientandos (as) da professora Kátia Maria Kasper, pelos encontros, reflexões e pulsações que reverberaram no processo deste texto-vida! Um salve especial à **Daniela** e à **Maritana**, que iniciaram comigo esta caminhada na pesquisa do mestrado, dançando, gingando e tremendo com as intensas emoções que vivemos, pela amizade que construímos, pelos cafés e leituras.

Às **amigas** e aos **amigos**, de perto e de longe, pelas intensidades, pela abertura de mundos, afagos, risos, conversas, cafés, espontaneidade e cumplicidade. Em especial à **Melissa**, amiga de infância, pela presença constante. Irmã de alma!

Às **crianças** e aos **jovens** que passaram pela minha trajetória docente, pelo constante (des) aprender, pelas singelezas. Aos (as) estudantes participantes dessa pesquisa, pelas construções, corpos abertos, produções e inquietudes.

Aos **professores** e as **professoras** participantes das oficinas formativas que compõem estas cartografias, pelos corpos brincantes, risos fáceis, questionamentos e criatividade. Em especial, agradeço à **Emília** pelo convite e oportunidade em ministrar as oficinas, por valorizar a capoeira na escola e acreditar no seu potencial formativo e lúdico.

Ao **Canto de Aidê** pelos encontros potentes que extrapolaram a roda de mulheres e ressoaram em outros *cantos*, encantando, inspirando, encorajando, engendrando ecos afirmativos e estreitando laços.

À arte **Capoeira**, na qual formei família e fiz profissão, por não me deixar esmorecer, por me permitir cair e levantar, por me (trans) formar a cada *volta ao mundo*, pelos (as) camaradas, pelas poéticas dos gestos, pela ancestralidade e força que transcende o espaço da roda.

Aos encontros, atravessamentos, conexões, afetos, devires.... À vida em expansão que pulsa forte, meu eterno sentimento de **GRATIDÃO!**

Na capoeira, tudo se passa sem esquemas nem planos preconcebidos. É o corpo soberano, solto em seu movimento, entregue ao seu próprio ritmo, que encontra instintivamente o seu caminho. Senhor do seu corpo, o capoeirista improvisa sempre e, como o artista, cria.

Muniz Sodré

RESUMO

Inauguro esta pesquisa com narrativas singulares, conectando minha trajetória na capoeira com outras composições – narrando a capoeira em diferentes espaços e tempos, trazendo as marcas desses encontros e sua potência formativa, em ressonância com outras subjetividades – vozes e corpos que entram nessa roda. Acompanho três processos envolvendo a capoeira em espaços diversos: a constituição de um coletivo feminino de capoeiristas – *Canto de Aidê* –, um curso formativo para professores (as) da Educação Básica e o processo de construção de um livro sobre capoeira com crianças, produzido com meus alunos e alunas. Busco problematizar questões que envolvem processos formativos, estabelecendo alianças com autores e autoras para refletir, acompanhar e compor esses processos que envolvem corpo, formação, experiência, subjetividade, devires. Narro as marcas e experiências que vão se inscrevendo na roda e fora dela... E os ecos produzidos. A cartografia, metodologia acolhida nesta pesquisa, abre caminhos para o acompanhamento desses processos formativos, habitando um território existencial, implicada nele como modos de existir. Sigo gingando com as palavras, com as intensidades, com os encontros, com os acontecimentos. Poéticas dos gestos, dos instantes, transformando paisagens no meu *capoeirar* pelo mundo. Movimentos, roda-vida! pulsações movidas pelos afetos e desejos.

Palavras-chave: Capoeira. Corpo. Subjetividade. Formação. Devir. Cartografia.

ABSTRACT

I am starting this research with extraordinary narratives, connecting my experience in *capoeira* with other works or tales – narrating *capoeira* in different spaces and times, bringing back the marks of those gatherings and their training power, in line with other subjectivities – voices as well as bodies that get into this wheel. I accompany three processes that involve *capoeira* in different spaces: the creation of a new women group of *capoeiristas* (a practitioner of the art) - *Canto de Aidé* –, a training course for basic education teachers, and the process of elaboration of a book on *capoeira* with children, created with my students, both boys and girls. My goal is to discuss topics related to teaching processes, establishing partnerships with authors to reflect upon, follow up and compose those processes that involve body, training, experience, subjectivity and transformations. I narrate the marks and experiences that take place inside and outside the wheel... and the echoes that are generated. The cartography, the methodology selected in this research, opens up roads to follow up on those training processes; dwelling in an existential territory, implied in it as a way of existing. I keep playing with the words, with the intensities, with the gatherings, with the events. Poetics of gestures, of instants, transforming landscapes into my *capoeiring* around the world. Movements, wheel-life! Pulsations moved by affections and desires.

Keywords: *Capoeira*. Body. Subjectivity. Training. Transformation. Cartography.

RESUMEN

Comienzo esta investigación con narraciones singulares, conectando mi trayectoria en la capoeira con otras composiciones - narrando la capoeira en diferentes espacios y tiempos, trayendo las marcas de esos encuentros y su potencia formativa, en resonancia con otras subjetividades – voces y cuerpos que entran a esta rueda. Acompaño tres procesos que involucran la capoeira en diversos espacios: la constitución de un colectivo femenino de capoeiristas - *Canto de Aidé* –, un curso formativo para profesores (as) de la educación básica y el proceso de elaboración de un libro sobre capoeira con niños, producido con mis alumnos y alumnas. Busco discutir temas relacionados con procesos formativos, estableciendo asociaciones con autores y autoras para reflexionar, hacer seguimiento y componer esos procesos que involucran cuerpo, formación, experiencia, subjetividad y devenires. Narro las marcas y experiencias que ocurren en la rueda y fuera de ella... y los ecos que se producen. La cartografía, metodología elegida en esta investigación, abre caminos al seguimiento de esos procesos de formación, habitando un territorio existencial, implicada en él como modo de existir. Sigo jugando con las palabras, con las intensidades, con los encuentros, con los acontecimientos. Poéticas de los gestos, de los instantes, transformando paisajes en mi *capoeirar* por el mundo. Movimientos, rueda-vida! Pulsaciones movidas por los afectos y deseos.

Palabras clave: Capoeira. Cuerpo. Subjetividad. Formación. Devenir. Cartografía.

INSTANTES

Fotografia 1 - Canto de abertura	13
Fotografia 2 - (A) mar	21
Fotografia 3 - Alçar.....	24
Fotografia 4 - Berimbau mandou chamar	30
Fotografia 5 - Abril pra dançar.....	33
Fotografia 6 - Contagiar	34
Fotografia 7 - Cores unidas e alegria	35
Fotografia 8 - Devir guerreiras.....	37
Fotografia 9 - Capoeira é arte, não falei?	39
Fotografia 10 - Cumplicidade	40
Fotografia 11 - Mandingueiras.....	42
Fotografia 12 - "Se não esquiva, o cabra cai"	43
Fotografia 13 - Histórias ritmadas	44
Fotografia 14 - "Cêis" olhos.....	47
Fotografia 15 - Afro-nordestino.....	48
Fotografia 16 - É na barra da saia que eu vou!	49
Fotografia 17 - Modos de aprender-ensinar	50
Fotografia 18 - Força coletiva.....	50
Fotografia 19 - Receber poesia no peito	53
Fotografia 20 - Resistir, lutar	58
Fotografia 21 - Quilombo (s) vivo (s)	60
Fotografia 22 - Amor que marca.....	66
Fotografia 23 - A poesia se converte pelas mãos no tambor	70
Fotografia 24 - Livro - capa	82
Fotografia 25 - Livro p. 01	83
Fotografia 26 - Livro p. 02	84
Fotografia 27 - Livro p. 03	85
Fotografia 28 - Livro p. 04	86
Fotografia 29 - Livro p. 05	87
Fotografia 30 - Livro p. 06	88
Fotografia 31 - Livro p. 07	89
Fotografia 32 - Livro p. 08	90
Fotografia 33 - Livro p. 09	91

Fotografia 34 - Livro p. 10	92
Fotografia 35 - Livro p. 11	93
Fotografia 36 - Livro p. 12	94

SUMÁRIO

HISTÓRIAS RITMADAS	14
TRAVESSIA.....	22
Flutuar, imergir	25
DAR LÍNGUA PARA AFETOS QUE PEDEM PASSAGEM - COLETIVO DE MULHERES CAPOEIRISTAS CANTO DE AIDÊ	28
Vibrações	31
Conexões	41
Multiplicidade.....	45
Afago.....	51
Devires	53
Memórias.....	56
Reverberar	58
Ancestrais.....	59
Tremores.....	62
QUANDO AS MÃOS DESCANSAM OS PÉS	67
(DE) FORMAR - CURSO DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES (AS) DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA PMC.....	71
Diálogos - Capoeira e Educação.....	77
NÃO VENHO SÓ - PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM LIVRO ILUSTRADO SOBRE A HISTÓRIA DA CAPOEIRA PRODUZIDO COM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL I	80
DESASSOSSEGO	95
REFERÊNCIAS.....	98
ANEXO	102

Fotografia 1 - Canto de abertura



Fonte: Acervo pessoal da autora.

HISTÓRIAS RITMADAS

Capoeira é coisa de se aprender de cada vez um pouco, até o fim de nossos dias. É arte de bicho, de planta, de pedra sim. Mas não aprendi nada disso com luneta, régua, mapa não. Foi tudo no respeito, na reverência, na cadência, com tento apenas no que fosse pé pisando certo nos errantes do mundo.

(Marco Carvalho)

Capoeirista¹, professora, mãe, esposa, filha, irmã, amiga, mestranda e aprendiz de fotografia e cartografia². Aprendiz da VIDA!

Além do desejo de estudar e pesquisar a capoeira, trazer à tona minha história e minhas memórias neste universo no qual adentrei ainda menina, aos 14 anos, e permaneço até os dias atuais, é o que me conecta nesta caminhada. Desde então, são 23 anos dedicando-me à arte da capoeira dando *a volta ao mundo*³, seja treinando, estudando, participando e/ou ministrando oficinas e cursos formativos. Rodando.

Na capoeira me formei, fiz profissão, constituí família e construí modos de ser e estar no mundo. É uma arte que me move, me marca nas mais diversas dimensões da minha existência... é minha lente para o mundo. Pensando com Suely Rolnik (1993, p. 2), “[...] enquanto estamos vivos, continuam se fazendo marcas em nosso corpo”; neste sentido, tudo o que já vivenciei na capoeira, nos mais diversos espaços e tempos, me conectam com diversos fluxos e criam-se outras composições. Devires. Cria-se um novo corpo neste devir-pesquisadora.

Entreí na capoeira pela porta da escola, agora retorno à academia pela porta da capoeira.

Eu já conhecia um pouco da capoeira, pois meu irmão “do meio” praticou quando tinha oito anos de idade, e eu, na época, tinha sete anos. Fui madrinha⁴ dele em um evento de batizado e troca de cordas⁵, em 1988. Porém, foi a escola que me iniciou na capoeira, em um evento esportivo com duração de uma semana.

¹ Termo utilizado na capoeira para designar seus (suas) praticantes.

² Método de pesquisa acolhido neste trabalho.

³ Termo utilizado na capoeira quando um (a) ou dois (duas) capoeiristas caminham em torno do círculo da roda, do lado de dentro, seja para (re) iniciar um jogo ou descansar entre uma jogada e outra.

⁴ Madrinha ou padrinho é escolhido (a) pelo (a) capoeirista batizado (a) para a entrega da primeira corda.

No colégio em que eu estudava, a semana esportiva era muito esperada pelos (as) estudantes, inclusive por mim. Isso ocorreu em 1995, com uma oficina de capoeira ofertada pelo colégio. Inscrevi-me já pensando em ir além daquela oficina. Desejava buscar a capoeira fora do colégio e vivenciar essa arte que mexe muito comigo...

O desejo é revolucionário, porque sempre quer mais conexões, mais agenciamentos.

(Gilles Deleuze e Claire Parnet).

Foram três dias de oficina, com aulas ministradas por um mestre de capoeira. Na ocasião, ele levava sempre uma “ajudante” que também era estudante daquele colégio e praticava capoeira na academia dele. Recordo-me de olhá-la com admiração. Vê-los uniformizados com o abadá⁶ e a corda⁷ me instigava a treinar a capoeira e fazer dela a minha filosofia de vida. Num dos dias de oficina, já no ponto de ônibus para ir embora para casa, essa menina chegou para pegar o mesmo ônibus. Conversamos e ela me contou sua trajetória na capoeira, a qual praticava há dois anos.

Lembro-me de um respirar fundo e um sorriso contido de me imaginar nesta caminhada. Por um instante pensei: será que um dia eu chego lá? Aqueles dois anos relatados por ela pareciam tanto tempo... eu olhava sua corda na cintura com um desejo de ser capoeirista. Estar perto dela me trazia alegria! Seu apelido⁸ era Rapunzel, pois tinha cabelos escuros e compridos e fazia uma longa trança para treinar e jogar capoeira.

No último dia de oficina, o Mestre trouxe seu grupo⁹ de capoeira para fazer uma roda de apresentação no colégio e encerrar a atividade. Meu coração pulsava acelerado, em ritmo de *São Bento Grande*¹⁰, ao ver todos (as) aqueles (as) capoeiristas na roda. Tinha homens, mulheres e crianças dos mais variados estágios de graduação. Fiquei encantada ao vê-los (as) jogar, cantar, tocar os instrumentos... o chão literalmente tremia com os saltos, movimentos e a vibração da roda. Muitas

⁵ Evento que marca a iniciação e promoção dos (as) capoeiristas nos diferentes níveis de graduação.

⁶ Calça branca que compõe a vestimenta do (a) capoeirista.

⁷ Utilizada na cintura, presa ao abadá, a corda e suas diferentes cores representam o estágio em que o (a) capoeirista está de acordo com sua escola/grupo/segmento.

⁸ No universo da capoeira é muito comum o uso do apelido entre os (as) capoeiristas, devido ao contexto histórico, pois, no século XVIII, quando a capoeira era proibida pelo Código Penal, os capoeiristas ocultavam sua verdadeira identidade. Hoje usa-se de maneira irreverente.

⁹ Grupo Kauande Capoeira.

¹⁰ Ritmo do berimbau que se refere a um tipo de jogo, nesse caso, jogo da capoeira Regional.

peessoas pararam para apreciar. Foi então que o Mestre chamou os (as) estudantes da oficina para jogar na roda. Um misto de emoção e nervosismo umedeceram minhas mãos. Agachei ao pé do berimbau¹¹, e, embora sem muito jeito, fui gingando e me comunicando com os olhos do professor que me conduzia no momento. Eu já não era mais a mesma depois de vivenciar tais experiências com a capoeira, algo me atravessara. Assim como Jorge Larrosa (2016a, p. 10), sinto a experiência como:

algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos.

Os cantos ressoavam em uma enorme vontade de querer estar. Meu corpo tremia em estado de presença e da relação com o espaço, ritmos, sensações, movimentos, outros corpos.

Percebia a roda de capoeira como metáfora da vida transformando a subjetividade. Descer, subir, balançar, esquivar, recuar, negociar¹², cada qual com sua maneira de se expressar.

O jogo de capoeira seguia e os corpos iam compondo novos enredos, expondo-se ao inusitado, imprevisível e transformador. Um espaço de travessia vislumbrando criações, alimentando os sentidos, circulando e propagando possibilidades. Uma experiência com balanço revelando algo que me afeta, me toca, me reinventa. Uma experiência do devir-capoeirista.

*Quando eu canto meu canto empolgado
E o coro responde com toda emoção
O berimbau revira ritmado
E a turma animada na palma de mão
O atabaque e o pandeiro vêm sem desespero
dando a marcação
E o caboclo jogando bonito
Com força e magia treme até o chão
Faz tremer, faz tremer!*

(Mestre Toni Vargas)

¹¹ Expressão utilizada na capoeira para referir-se ao início do jogo, o qual começa com dois (duas) capoeiristas agachados (as) em frente ao instrumento musical chamado berimbau.

¹² Palavra usada pelos (as) capoeiristas no sentido de fingir que vai, mas não vai. Fintar, provocar, negociar o jogo, encenar.

O jogo termina, meu corpo vibra e as ressonâncias daqueles instantes vão para além do aperto de mão, camaradinha! Desloquei-me do centro da roda e vislumbrei outras porções de mundo. A intensidade da roda de capoeira reverberando em mim. Entrevi outros territórios¹³, outras formas de ser e estar no mundo. Eu podia sentir...

A capoeira está em mim.

Minha relação com a capoeira foi ampliada, potencializada, causando expectativas. Eu estava em estado reticente, refletindo sobre esse encontro e as sensações produzidas. Até onde eu caminharia com a capoeira? Não sabia qual seria o ponto de chegada, mas afetada pelas sensações e encontros, me senti convocada à travessia. Permiti-me partir...

Desde então, dediquei-me à capoeira de corpo aberto. Eu era espaço de acontecimento, como afirma Larrosa (2016a) sobre o sujeito da experiência, pela minha receptividade e disponibilidade.

As experiências que vivenciei na capoeira produziam e produzem ecos, afetos e inscrevem marcas. Apostei na capoeira o meu fazer e a minha existência. Eu estava “ex-posta”, como aponta Larrosa (2016a), isto é, disposta a atravessar um espaço indeterminado e nele permitir as transformações que vão se dando no transcurso do tempo.

Tornei-me educadora precocemente, na época com 15 anos, cursando o Ensino Médio e sem formação dentro do sistema da capoeira¹⁴, e com pouco tempo de prática já ministrava aulas nas escolas destinadas às crianças pequenas (de três a seis anos), na época denominadas pré-escolas¹⁵.

A presença da capoeira nas pré-escolas de Curitiba, capital do Estado do Paraná, naquele período, em 1996, era novidade. O Mestre do grupo que integro foi um dos pioneiros a desenvolver esse trabalho com crianças pequenas, e apostou em mim para levar adiante os trabalhos iniciados por ele.

No primeiro momento eu o acompanhava nas aulas como estagiária, organizando as crianças na roda, executando movimentos junto com elas e participando do momento de intervalo no parque. Poucos meses depois, já

¹³ Noção de território, de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012a), desdobrado no texto da Metodologia.

¹⁴ Estava para receber a primeira graduação.

¹⁵ Atualmente, as instituições que atendem crianças de zero a cinco anos são denominadas Centros de Educação Infantil.

ministrava aulas com outros (as) educadores (as) iniciantes, que dividiam comigo o desdobramento das atividades propostas com todas as turmas, inclusive numa outra instituição pré-escolar que nos contratara. Essas parcerias na docência ocorreram por um período de dois a três anos, até que passei a ministrar as aulas sem eles.

As propostas pedagógicas da capoeira para esta faixa etária eram pensadas e trabalhadas de forma a privilegiar o lúdico, os movimentos naturais do brincar da criança, como pular, correr, virar cambalhota, etc. As crianças nos ensinavam, através do corpo, como planejar esses momentos ao encontro com a capoeira.

Trabalhar com a capoeira na escola, para mim, era diversão e aprendizado. Fui aprendendo com as pessoas que conheci na caminhada, sobretudo, com as crianças, professoras e gestoras, com os espaços que ocupei e me relacionei e com os mais diversos momentos de formação que a capoeira me oportunizou.

E assim vamos nos criando, engendrados por pontos de vista que não são nossos enquanto sujeitos, mas das marcas, daquilo em nós que se produz nas incessantes conexões que vamos fazendo. (ROLNIK, 1993, p. 3).

A busca é constante e disparadora de um devir-professora. Professora Tica¹⁶, assim como sou conhecida na capoeira. E “ter um apelido é ter uma história, ou tantas várias [...]. E os apelidos são tanto assim um resumo como, às vezes, só o começo da história daquele um que atende por aquele nome carinhoso, engraçado ou esquisito”. (CARVALHO, 2009, p. 31-32).

Esse tornar-me outra, devir-professora, marcada por estados inéditos e ressonâncias, instaura desassossegos e composições. A capoeira é (re) significada e me desloca para outras dimensões e buscas de sentidos. Sentidos que (re) afirmam a capoeira como potência em minha vida.

O processo de formação, além de outras marcas, tempos e espaços, se dá na graduação em Pedagogia, no encontro com teorias e práticas que me aproximaram do fazer pedagógico. Essa trajetória acadêmica, implicada com a trajetória na capoeira, marca esse encontro, essa formação.

As múltiplas questões que envolvem o ensinar-aprender, o aprender-ensinar, me convocam a tecer uma pesquisa que instaure um texto com brilho vital (ROLNIK, 1993, p. 7), de composições, conexões, escutas e produção de subjetividades.

¹⁶ Apelido que recebi de meu pai antes mesmo de ser registrada. É meu “nome de fé”, como se diz na capoeira, que me acompanha desde que nasci.

Portanto, pesquisar a capoeira nas suas dimensões formativas (ética, estética, política, cultural, social, afetiva e cognitiva) me instiga a compreender processos de produção de subjetividade, dentro e fora da escola.

Evocar experiências singulares e sensíveis, que possibilitam uma investigação sobre a presença da capoeira como potencializadora desses processos singulares de formação.

Sendo assim, inauguro uma escrita das percepções, com narrativas do singular, convocando outras vozes nesta travessia, na qual os processos de constituição individual do meu encontro com a arte capoeira, as trajetórias e experiências que me formaram, e continuam a se constituir, em uma construção partilhada do saber.

Tendo por objetivo investigar a capoeira como constitutiva do processo formativo em diferentes espaços, cartografando alguns dos encontros com a capoeira na vida da pesquisadora, podendo contribuir para a reflexão sobre processos formativos nas ações educativas da capoeira dentro e fora da escola.

Para isso, recorta-se momentos das experiências com a capoeira como: Encontros do coletivo de mulheres capoeiristas em Curitiba, o *Canto de Aidê*, Curso de formação para professores (as) da Educação Básica, ministradas pela pesquisadora; e a produção de um livro ilustrado, *História da Capoeira*, realizado com estudantes do Ensino Fundamental I.

Para acompanhar esses processos, e cumprir tais objetivos, utilizarei a cartografia como metodologia de pesquisa, por permitir constantes rearranjos no caminhar com a capoeira e por pressupor habitar um território existencial¹⁷.

Essas cartografias afetivas jogam na roda com alguns (mas) autores (as) que discutem corpo, como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Cíntia Vieira da Silva e Kátia Maria Kasper; subjetividade, como Suely Rolnik e Jorge Larrosa; e experiência e formação, como Marie-Christine Josso e Jorge Larrosa, entre outros (as).

As voltas ao mundo desta presente pesquisa compõem atravessamentos, jogos nos mais diferentes ritmos, com Eduardo Passos, Virgínia Kastrup, Silvia Tedesco, Liliana da Escóssia e Suely Rolnik, gingando com a Metodologia acolhida, a cartografia.

Assim, essa pesquisa desdobra-se da seguinte maneira:

- *Travessia* – apresenta o caminho escolhido neste percurso, a cartografia;

¹⁷ Este conceito será desdobrado na apresentação da Metodologia.

- *Dar língua para afetos que pedem passagem* – traça a construção e as marcas dos encontros do coletivo de mulheres capoeiristas *Canto de Aidê*;
- *Quando as mãos descansam os pés* – narra um acontecimento na vida da pesquisadora, subvertendo o olhar, possibilitando ver e sentir o mundo sob outra perspectiva, outros modos de ser, estar e sentir a capoeira;
- *(De) Formar* – apresenta os encontros do Curso formativo para professores (as) da Educação Básica, o processo educativo da capoeira na escola e seus desdobramentos;
- *Não venho só* – apresenta o processo de construção de um livro ilustrado, produzido com os (as) estudantes do Ensino Fundamental I, contando a *História da Capoeira*, em aliança com outros (as) autores (as) que refletem sobre processos;
- *Desassossego* – tem a ver com as inquietações da pesquisadora em ressonância com os (as) autores (as) aliados nessa pesquisa;
- *Vem jogar mais eu* – apresenta as alianças conceituais assumidas nessa expedição cartográfica.

Anexado, ainda, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Fotografia 2 - (A) mar



Fonte: Acervo pessoal da autora.

TRAVESSIA

*A vida do capoeira
É como a do pescador
A onda balança o barco
E a ginga o jogador.*

(Boa Voz)

No balanço do corpo, *maré me leva, maré me traz*, navegando em tantas rotas que uma pesquisa pode sugerir, sou conduzida por um leme: a cartografia.

A opção por este caminho metodológico ocorreu por, assim como um mar imenso e transbordante de incertezas, permitir acompanhar processos, vislumbrar múltiplas travessias, seja em maré alta ou maré baixa. Aventurar-se, partir... “[...] se permitindo encontrar o que não se procurava ou mesmo ser encontrado pelo acontecimento”. (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 137).

A cartografia, termo emprestado da Geografia, foi desdobrado por Gilles Deleuze e Félix Guattari como uma espécie de procedimento no qual envolve “[...] um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem”. (ROLNIK, 2016. p. 23). Assim, “as paisagens vão sendo povoadas por personagens e estes vão pertencendo à paisagem”. (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 131).

Desse modo, essa metodologia permite acompanhar processos e a transformação e recriação de paisagens, rotas e mundos para expressar afetos. Permite abandonar um sentido e criar outros (ROLNIK, 2016), envolvendo a formação da própria pesquisadora.

A cartografia desenha mapas que dão língua não apenas ao já fixado, instituído, mas algo do acaso, dos acontecimentos, dos instantes flutuantes, imersos e/ou ancorados, mergulhando a cartógrafa nas intensidades do seu tempo, atenta as linguagens que encontra (ROLNIK, 2016). Além disso, “paisagens psicossociais também são cartografáveis”. (ibid., p. 23).

Eu, aprendiz de cartógrafa, inicio a expedição em uma travessia ancorada em narrativas do singular, produzindo uma escrita que ensaia a experiência. Sendo assim:

[...] ao afirmar uma pesquisa que investiga a experiência a partir da experiência, é necessário sublinhar a posição firme do cartógrafo no que se refere à diretriz da investigação: o acesso/produção do plano de forças que responde pela criação/ transformação de experiência. (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2014, p. 9).

A cartografia pressupõe uma política da narratividade, dissolvendo posições daquele que conhece, com aquilo que é conhecido (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 132), compondo com a capoeira, e os “jogos” que vão se constituindo, privilegiando sentidos e modos de expressão.

Busco uma construção partilhada do saber, permitindo-me afetar pela força das palavras, dos (des) encontros, dos ritos, dos ventos outros que sopram cá e lá, numa abertura engajada e afetiva ao território existencial que habito.

Seguindo essa rota de pensamento, sobre território existencial, convoco Deleuze e Guattari (2012b, p. 127), que tomam por *território* os componentes dimensionais e não direcionais, ou seja, “[...] o território é de fato um ato, que afeta os meios e os ritmos, que os ‘territorializa’”. Ainda, segundo eles, território não se reduz a espaço físico, mas como uma assinatura expressiva que encarna condutas (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 133). Conforme Johnny Alvarez e Eduardo Passos,

O território é uma assinatura expressiva que faz emergir ritmos como qualidades próprias que, não sendo indicações de uma identidade, garantem a formação de certo domínio. (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 133).

Domínio de um sentir implicado, corpo-movimento, corpo-expressão, poética dos gestos tecidos na capoeira, antecedendo um aperto de mão ao pé do berimbau, camaradinha! Sigo aberta ao desconhecido, disposta a pensar em movimento e engendrar imagens, memórias, fotografias... Seguir cultivando algo, *capoeirando!*

Esta expedição parte da premissa cartográfica de que:

As pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 13).

Para prosseguir viagem coloco-me no caminho, permito-me partir de corpo aberto... Capoeira é *travessia*, dimensão que, na perspectiva de Larrosa (2016a), é

lugar de mudança, transformação, perigo, desassossego, é campo de sensibilidade e destreza, e, ainda, “[...] é cuidado ou cultivo de um território existencial no qual pesquisador e o pesquisado se encontram”. (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 144), transformando condutas, traçando comuns, onde a aprendiz-cartógrafa não controla, mas se agencia, inclui-se nas paisagens e acompanha seus ritmos.

Sendo assim, pensando a formação com Larrosa (2016a), como um devir criativo, um processo de constante saída de si para tornar-se outra. Lanço-me.

Fotografia 3 - Alçar



Fonte: Acervo pessoal da autora.

FLUTUAR, IMERGIR

*O vento soprou nas velas
Carregando a minha nau
Na roda de capoeira
Quem me guia é o berimbau.*

(Boa Voz)

Essa travessia é uma viagem marcada por possibilidades, descobertas, desdobramentos, tremores, (de) formações.

São instantes potentes da capoeira entrecruzando a experiência e um território existencial da cartógrafa.

Para tecer essa discussão na pesquisa, parto do conceito de território (Deleuze e Guattari), aqui já citado, como espaço de sentido e modos de expressão. Segundo Alvarez e Passos (2015, p. 134), “o território não se constitui como um domínio de ações e funções, mas sim como um *ethos*, que é ao mesmo tempo morada e estilo”. Eles assinalam os “personagens rítmicos”, nesse caso, destaco os (as) capoeiristas, e as “paisagens melódicas” como sendo a roda de capoeira. Ambos em constante processo de produção.

Essa expedição se pauta por um conjunto de linhas de conexões e atravessamentos que marcam o meu gingar pelo mundo, me convocando a refletir/acompanhar/construir os encontros do coletivo de mulheres capoeiristas *Canto de Aidê*, nos mais diferentes *cantos*¹⁸, bem como o Curso de formação para professores (as) da Educação Básica e o processo de construção de um livro ilustrado produzido com os (as) estudantes.

Seguindo as pistas desse “leme”, a cartografia é ancorada pela produção de dados e tem caráter processual, ou seja, não formula regras ou protocolos (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015). Contudo, coloco-me frente a um desafio: como estudar processos acompanhando movimentos?¹⁹

A cartografia que se segue traz marcas dos encontros que a constituiu. Pensando sua potência formativa nos diversos locais e situações, orientada por uma diretriz ético-estético-política (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2014), compondo paisagens com diferentes dispositivos, como: diário de bordo, fotografias, vídeos e depoimentos produzidos pela pesquisadora.

¹⁸ As capoeiristas do Canto de Aidê denominam seus lugares de aulas/treinos como “canto”.

¹⁹ Questão disparadora colocada pelos (as) autores (as) no livro “Pistas do Método da Cartografia – Pesquisa- intervenção e produção de subjetividade” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2016, p. 8).

Retomando, os procedimentos da cartografia realizada envolvem a produção de dados, acompanhando os encontros de capoeiristas, e pensando com eles. A produção de depoimentos com algumas integrantes do *Canto de Aidê*, também no sentido de pensar sua potencialidade formativa. Relato e reflexão sobre o curso ministrado pela pesquisadora para professores (as) da Educação Básica do município de Curitiba e o processo de construção de um livro ilustrado, sob o título *História da Capoeira*, produzido junto com estudantes do Ensino Fundamental I. Lembrando que trata-se de uma experiência da pesquisadora, integrante desses processos formativos, ao mesmo tempo em que pensa com os autores (as) a respeito das marcas produzidas nesses encontros da autora com a capoeira nos diversos locais e situações, pensando sua potência formativa.

Como se prepara uma presença aberta para perceber os acontecimentos? Como a pesquisadora é afetada nesse processo? O que me afeta? Vida-movimento, dedicação aberta e atenta. Sigo a travessia flutuando, imergindo, habitando um território existencial, me constituindo nele e cultivando a disponibilidade à experiência, à receptividade afetiva.

1º Encontro Mandinga De Mulheres
Oficinas
Mestra Áurea - Frevo, Hexa, Capoeira
Grad. Bruna - Flores e Sequências de Capoeira
DIA 08 DE ABRIL DE 2017
Início: 15:00 - Término: 17:30
LOCAL: Rua abóbora 23 - Uberaba de cima
Contribuição: R\$ 5,00
Contato: Mestra Áurea 99622-2732
Inst. Sheirosa 99999-6453
Grad. Kyka 9902-9498



Canto de Aíde

Oficinas:
Contramestra Kerllinha Reis
Instrutora Dendê

Dia 20/03/2017 - 14:00h
Local: Rua XV de Novembro, 218, Centro - Estância (Academia Versátil)
Contribuição: R\$ 10,00
Contato: (41) 9 9155-6776 - Inst. Dendê
(41) 9 9622-2732 - M. Áurea
(41) 9 9999-6453 - Inst. Sheirosa

CAPODRILHA
Canto de Aíde
EM PROL DA APAE
24/06, às 15 horas

Oficina com a Monitora Cigarra, momento cultural Força da Capoeira com Capodrilha e muito mais!

Contribuição: 5 reais + 1 litro de leite
Levar um prato típico

LOCAL: Escola Amor Perfeito (APAE)
Rua João Albert, 44 Jd. Dona Letícia - São José dos Pinhais

CONTATO:
Mestra Áurea (41) 9 9622-2732
Monitora Cigarra (41) 9 9155-6776
Inst. Sheirosa (41) 9 9999-6453
Inst. Dendê (41) 9 9155-6776



Voluntário
APAE
2015
Força Feminina

4º Encontro - CANTO DE AÍDE
29/07/2017 15:00h
Contribuição: 5,00 + 1 livro ou gibi infanto-juvenil (novo ou usado)

MINISTRANTES:
Instrutora Kaká:
Palestra "Quando o TEA - Autismo e TDAH entram na roda"
Professora Tica:
Oficina Pedagógica "Vem brincar mais eu."

Local: Max Muffato
Rua Luthário Boutin, 554 - Pinheirinho

Informações:
(41) 9 9622-2732 (Mestra Áurea)
(41) 9 9999-6453 (Instrutora Tereza)
(41) 9 9155-6776 (Monitora Cigarra)
(41) 9 6466-1497 (Instrutora Kaká)
(41) 9 9916-6497 (Professora Tica)



5º ENCONTRO CANTO DE AÍDE
Dia 26 de agosto de 2017
Início às 13:00

Temática: A história das Abayomís Feminismo

Toques de Berimbau
Capoeira: Música e Cores Roda

Informações
Instrutoras Shero e Bebê 41- 99999-6453
41- 99989-8042

Local: Rua da Cidadania do Pinheirinho (ao lado do terminal)

Organização:
CANTO DE AÍDE Mestra Áurea
Inst. Sheirosa
Monitora Cigarra
Grad. Kyka

Contribuição: R\$5,00



6º Encontro Canto de Aíde

Dia 23/08/2017 - 15:00 hrs
Curitiba-Pr

Organização:
Instrutora Gaiá (41) 99072-8470
Monitora Yoshima (41) 99301-4730
Contribuição de R\$ 5,00 reais

Realização:
Mestra Áurea
Instrutora Sheirosa
Monitora Cigarra
Graduada Kyka

Local: Avenida Marcelino Dandara, 148, centro - Assis de Moraes



7º ENCONTRO CANTO DE AÍDE

DIA: 15/10/2017
LOCAL: Memorial de Curitiba - Largo da Ordem

*Neste encontro estaremos arrecadando doações de lenços para o Hospital Bráscio Xavier

Programação:
Roda de capoeira 11:00h às 11:40h
Palestra: prevenção contra o câncer de mama. 12:00h às 13:30h

A capoeira se amarra nesta ideia: OUTUBRO ROSA

Organização:
COLETIVO DE MULHERES CAPOEIRISTAS
CANTO DE AÍDE



8º ENCONTRO CANTO DE AÍDE CONSCIÊNCIA NEGRA

25 de Novembro

Local: IFPR | Campus Curitiba
Rua João Negrão, 1285

Programação

15h | Exibição do documentário curta metragem "Umbanda: de todos para todos", de Thaís Pentecost

15h30 | Roda de Conversa: De Zumbi, Dandara, às Comunidades Quilombolas de hoje. Contramestra Sereia

16h15 | Massagem - Com estudantes do Curso de Massoterapia

16h15 | Prática: Noções de Balões e Cintura Desprezada do Mestre Bimba

17h | Roda da Troca (Roda de Capoeira) Trazer algo seu ou algo que você faz e que gostaria de trocar com o outro

[Contato: Contramestra Sereia (Larissa) 988490600]

Encontro específico para capoeiristas que participam do coletivo de mulheres Canto de Aíde.



9º ENCONTRO - CANTO DE AÍDE

Idealizadoras:
Mestra Áurea, Instrutora Sheirosa, Instrutora Cigarra e Graduada Kyka.

RODA DE CAPOEIRA
CONFRATERNIZAÇÃO
CHÁ DE BÊRÊ DA ALANA

LOCAL: Praça Zumbi dos Palmares
(Rua Luthário Boutin nº 374) - Pinheirinho
HORÁRIO: 19:00h

14 DE DEZEMBRO DE 2017



DAR LÍNGUA PARA AFETOS QUE PEDEM PASSAGEM²⁰ - COLETIVO DE MULHERES CAPOEIRISTAS CANTO DE AIDÊ

Êh mulher, levanta a saia e vem jogar.

Histórias, memórias, gentes, marcas. Na atmosfera da arte exalamos cultura e estamos mergulhados em uma diversidade de existências, olhares e gestos. A capoeira enreda essas dimensões e faz vibrar, sentir, ressoar, compor, criar!

Em março de 2017, nasceu um novo coletivo em Curitiba. A mobilização em torno desse nascimento se deu através dos encontros em eventos de capoeira e se efetivou por meio das redes sociais, buscando reunir mulheres capoeiristas, da cidade e região metropolitana, para fortalecer a capoeira feminina e as trocas de experiências entre os grupos/escolas²¹ de capoeira.

Esse movimento, coletivo de mulheres capoeiristas, não é inédito no universo da capoeira, uma vez que já existem outros coletivos em outros Estados, porém, na cidade de Curitiba e região metropolitana, é o primeiro a se organizar²².

O desejo em reunir mulheres capoeiristas de diversos grupos/escolas de capoeira foi comungado pelas idealizadoras, as quais tomaram a iniciativa em colocar em prática encontros femininos constantes. Dada a urgência em não se perder a ideia, criou-se um grupo no *Whatsapp*²³ para adicionar e atingir o maior número possível de participantes mulheres, para que cada uma pudesse disseminar para outras tantas capoeiristas o objetivo desse coletivo. Foi desta forma que fui convidada a integrá-lo.

Nesse espaço de comunicação, as capoeiristas foram manifestando-se em relação à construção do coletivo, de maneira geral, de uma forma positiva. Muitas escreveram sobre a alegria e satisfação em unir forças e ideias em prol da mulher na capoeira; outras destacaram pontos de vista diversos, por exemplo, discordar de um coletivo constituído somente por mulheres, alegando segregar gêneros e reforçar preconceitos. Com isso, umas se mantiveram no grupo, outras optaram por não fazer parte.

²⁰ O título tem referência no trabalho de Rolnik (2016).

²¹ Optei por utilizar as denominações mais comuns entre os (as) capoeiristas. Há ainda quem se refira a esses grupos/escolas de capoeira como segmentos.

²² Vale ressaltar que existe uma prática comum, há muitos anos, tanto em Curitiba, como em outros municípios, Estados e países, em reunir mulheres capoeiristas em eventos femininos, organizados por mulheres e que geralmente agrega participantes do gênero masculino e feminino.

²³ Aplicativo utilizado para comunicação, troca de mensagens de texto e de voz, vídeos, fotos e áudios, por meio de conexão com a internet.

Em um primeiro momento o coletivo foi denominado como *Mandinga de Mulher*, nome provisório sugerido por uma das idealizadoras, até que o grupo se organizasse para ter um nome criado pelas participantes.

No decorrer das semanas, logo após o 1º Encontro, abriu-se uma votação no grupo para escolher um nome para o coletivo. Algumas participantes sugeriram nomes relacionados ao contexto da capoeira, bem como sua historicidade. Dentre os nomes sugeridos o nome mais votado foi *CANTO DE AIDÊ*.

O coletivo é composto somente por mulheres capoeiristas das mais variadas graduações. Dada a quantidade significativa de participantes iniciantes na capoeira, mas não somente por esse motivo, muitas informações e trocas de conhecimento se deram em torno do nome votado. Quem era Aidê?

Aidê Negra Africana

*Aidê era uma negra africana
Tinha magia no seu cantar
Tinha os olhos esverdeados
E sabia como cozinhar*

*Sinhozinho ficou encantado
E com Aidê ele quis se casar
Eu disse: Aidê não se case
Vá pro quilombo pra se libertar,*

Aidê
Foge pra camugere
Aidê
Foge pra camugere
Aidê
Foge pra camugere
Aidê
***coro**

*No quilombo de camugere
Liberdade Aidê encontrou
Juntou-se aos negros irmãos*

*Descobriu um grande amor
Hoje Aidê canta sorrindo,
E fala com muito louvor:
Liberdade não tem preço,
O negro sabe quem te libertou,*

(coro)

*Sinhozinho que disse então
Com o quilombo eu vou acabar*

*Se Aidê não se casa comigo,
Com ninguém ela pode se casar*

(coro)

*Chegando em camugere,
Sinhozinho se surpreendeu
O negro mostrou uma arma,
Que na senzala se desenvolveu*

*O negro venceu a batalha,
E no quilombo sinhozinho morreu.*

(coro)

(Marquinho Coreba)

A partir de então, as participantes são denominadas *Aidês*, representando uma identidade do coletivo. Esta identidade marca uma presença viva e compõe territórios de existência dentro da capoeira. Somos expressão do mesmo, sem unificar, colocando nossas próprias cores e maneiras de ser. Singularizando-nos, demarcando devires e produzindo significações.

Fotografia 4 - Berimbau mandou chamar



Fonte: Acervo pessoal da autora.

VIBRAÇÕES

O 1º Encontro foi marcado em abril de 2017. Muita ansiedade e expectativa de como seria este momento. Cheguei uns minutos atrasada, pois era longo o trajeto; porém, a roda tinha recém se formado. Pedi licença e entrei na roda. O lugar era um pouco escuro. Senti uma energia vibrante ao ver todas aquelas meninas e mulheres reunidas, uniformizadas numa postura tão presente de querer estar.

As chitas²⁴ na parede embelezavam e acolhiam. As idealizadoras do coletivo iniciam as palavras de boas vindas e, em seguida, uma a uma apresenta-se brevemente ao grande grupo, falando seu nome e/ou apelido, graduação e escola/grupo que pertence.

Poucos minutos e várias histórias começam a se escrever naquele círculo... nas narrativas, nos gestos e memórias. Fui uma das últimas a me apresentar. Já conhecia a grande maioria das pessoas ali presentes nas voltas ao mundo. Muitas palavras, grandes e pequenos gestos compondo o coletivo ali presente.

A palavra enfim retorna à Mestre²⁵. Além de ser a “mais velha” na hierarquia²⁶ da capoeira, era também a “dona da casa”, era o *seu canto*. Estávamos em seu local de treinos e aulas e, de antemão, ela corrige umas das capoeiristas, que no momento dizia “as regras são...” e sem que ela pudesse terminar, a Mestre diz: “Aqui não falamos em regras, mas sim em rituais”. Isso me marcou. A palavra “rituais” ressoava tão forte em seu discurso. Ela era toda ritual! Assim eu a via. Seu sotaque pernambucano me imergia ainda mais em sua cultura.

A roda de apresentação logo se desfaz, pois, as atividades/oficinas propostas para o dia se iniciam. A Mestre é uma das ministrantes e solicita que as capoeiristas se espalhem por todo o espaço para iniciar sua primeira atividade do dia, o frevo²⁷.

Por conta de uma segunda cirurgia no joelho esquerdo, eu não pude participar da oficina, no sentido de executar os movimentos, porém, atuei de outra forma: com o olhar, com a lente²⁸. Larissa Kautzmann (2011, p. 16) me inspira a pensar sobre o ato de fotografar, quando diz que “[...] algumas fotos, então,

²⁴ Tipo de tecido estampado.

²⁵ Grau máximo na graduação da capoeira.

²⁶ Refiro-me ao sistema de graduação.

²⁷ Manifestação cultural oriunda de Pernambuco, considerada “filha da capoeira” por ter sido originada na época da repressão da capoeira, no século XIX.

²⁸ Tive o privilégio de fotografar o encontro.

produzidas por mim engendravam deslocamentos e criavam outras possibilidades de olhar, outras possibilidades de leitura”. Fotografei a oficina (re) criando sentidos e narrando as experiências com a luz²⁹. Assim como essa autora, tenho uma relação de afeto com a fotografia e ela me provoca muitas ressonâncias. Retratei gestos, congelei instantes e me contagiei com o *axé*³⁰ transbordando naquele espaço.

Busquei diferentes ângulos, desviei movimentos, por vezes até me inserindo neles. Meu corpo em sintonia com as coreografias, passos e risos. Eu queria ser capaz de capturar as belezas desse Encontro e as mutações vivas que me moviam.

Minha relação com aquele espaço/tempo/rito engendra um novo corpo produzido por um estado inédito deste encontro que Rolnik (1993) denomina como marcas e devires, ou seja, conexões de fluxos esboçando outras composições. Segundo ela, nos tornamos outro.

Eu não gingava, tampouco imitava as *passistas*³¹, mas eu estava convocada “[...] a criar um novo corpo para a existencialização desta diferença”. (ROLNIK, 2016, p. 3). Um corpo que vai para além da anatomia e contorno, um corpo poroso, sensível e encarnado de desejo. O que pode um corpo?³² Pensando com Kátia Kasper sobre um corpo potente, um corpo que cria e um “[...] corpo extrapolando a sua organização como organismo, corpo criado nas experimentações, na intensidade dos encontros.” (ibid., p. 205), assim eu me fazia presente, intensamente conectada.

Meu corpo vibra e a potência do sensível é alimentada pela força viva das presenças em forma de sensações. Atribuindo sentido a este corpo vibrátil, Rolnik (idem) considera:

Entre a vibratibilidade do corpo e sua capacidade de percepção há uma relação paradoxal. É a tensão desse paradoxo que mobiliza e impulsiona a potência de criação, na medida em que nos coloca em crise e nos impõe a necessidade de criarmos formas de expressão para as sensações intransmissíveis por meio das representações de que dispomos. Assim, movidos por esse paradoxo, somos continuamente forçados a pensar/agir de modo a transformar a paisagem subjetiva e objetiva.

²⁹ Termo utilizado na linguagem fotográfica.

³⁰ “Designa, em nagô, a força invisível, a força mágico-sagrada de toda divindade, de todo ser animado, de todas as coisas”. (REGO, 1968, apud LIMA, 2007, p. 57). “Clima contagiante do jogo, caracterizado pela roda animada, com energia positiva”. (SQUISITO, 2005, apud LIMA, 2007, p. 57).

³¹ Termo utilizado no frevo para denominar seus (suas) praticantes.

³² KASPER (2009).

As dificuldades de movimento em função de minha limitação física logo se esvaíram. Com a câmera fotográfica em mãos, sentia-me convocada a dançar o frevo, e essa sensação me impulsionava a ocupar meu espaço naquele salão. Transitei por todos os lados, capturando e me misturando a pés, mãos, risos, corpos, cores. Estava movida pela emoção e podia sentir a satisfação transbordante das participantes da oficina. Elas eram o retrato da alegria!

A Mestre conduzia sua oficina, mostrando, pausando, nomeando movimentos do frevo com a voz ofegante e o rosto suado do fazer junto. Ela se movimentava o tempo todo e fazia vibrar o espaço, as passistas, as minhas fotografias, o meu corpo. A produção dessas fotografias não consistia o meu “ver”, mas a minha presença lá. Dialogando com Roland Barthes (2002, p. 77), “Um detalhe conquista toda a minha leitura; trata-se de uma mutação viva de meu interesse, de uma fulguração. Pela marca de *alguma coisa*, a foto não é mais *qualquer*”.

Fotografia 5 - Abril pra dançar



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Fotografia 6 - Contagiar



Fonte: Acervo pessoal da autora.

O que produz a fotografia, o que a fotografia produz? Eu reconhecia, com o corpo, meu lugar de querer estar!

A Mestre apresentava, no decorrer da oficina, questões relacionadas ao frevo: a história da dança, nomenclatura de movimentos, uso da sombrinha, etc. Ressaltou ainda que não seria possível aprofundar mais sobre essa dança pelo pouco tempo de duração da oficina, mas plantou a semente do conhecimento.

Fotografia 7 - Cores unidas e alegria



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Tais fotografias, produzidas por mim neste Encontro, me levaram para um lugar de habitá-las, me sugeriam sentido, confluindo com o que disse Barthes (2002).

Num rápido intervalo para tomar água, recuperar o fôlego e reorganizar o espaço, a Mestre guardou as sombrinhas e deu início à sua segunda atividade proposta, o maculelê³³.

Em um dado momento, durante a oficina, a Mestre com o dedo em riste, chama a atenção para a música que tocava naquele momento, em ritmo de afoxé³⁴. A cantiga dizia “13 de maio não é dia de negro”. Ela, ofegante dos passos da dança, perguntava as participantes: “*Vocês sabem por que 13 de maio não é dia de negro?*”, e discorreu a falar sobre esse fato histórico, explicando: “*Na época da abolição, as notícias demoravam a chegar até Recife, e a carta da abolição chegou lá em 6 de junho. Por essa razão, lá eles comemoram a abolição em outra data*”. 13 de maio não é dia de negro!

*[...] é folclore, é tradição
Capoeira que rasga o chão.*

*[...] é o povo na arte
É arte no povo
E não o povo na arte
De quem faz arte com povo [...].*

(Chico Science e Nação Zumbi)³⁵

³³ Maculelê: folguedo popular do Recôncavo Baiano, misto de dança guerreira e jogo, utilizando bastões de madeira ou facões. Cultura popular que a capoeira resgata em rodas e apresentações.

³⁴ Afoxé: ritmo afro-brasileiro popularizado pelo grupo musical baiano Filhos de Gandhi (LIMA, 2007, p. 46).

³⁵ Trecho da música Etnia, do álbum *AfroCiberdelia*.

Fotografia 8 - Devir guerreiras



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Para finalizar sua oficina, a Mestre trouxe atividades lúdicas da capoeira que ela realiza na escola com crianças, e convidou as *Aidês* para brincar. Utilizou materiais de apoio e conduziu as brincadeiras cantadas, como ela costuma chamar.

Ao som do seu pandeiro, jogos, movimentos, musicalidade ocupavam aquele espaço. Já era fim de tarde e o sol adentrava aquele espaço como que jogando com elas e as multiplicando em luzes e sombras pelo chão. Ele também pintava meus retratos e aquecia meus afetos.

Em um breve intervalo, as capoeiristas se reorganizam para as atividades da segunda oficina do dia, que propôs movimentos de floreiros³⁶. Esses são os que dão “o molho” para o jogo, na linguagem dos (as) capoeiristas.

Com sutis gestos de mãos entrelaçadas, o corpo da oficina se dispunha um tanto nervoso, até que ela mesma verbalizasse seu estado apreensivo, dizendo ser a primeira aula que ministrava fora de sua escola/grupo. Em estado cúmplice, acolhemos sua inexperiência, construindo, juntas, o que chamamos de aula. Éramos todas aprendizes caminhando com ela, ajudando-a a caminhar para si, nos termos de Marie-Christine Josso (2004). Um devir-professora.

Ela iniciou sua atividade com exercícios de alongamento, e eu capturando aquele repertório gestual sincronizado através dos *click's*³⁷.

A atividade segue com a proposta de sequências de movimentos, como costumamos treinar para compor o jogo na roda.

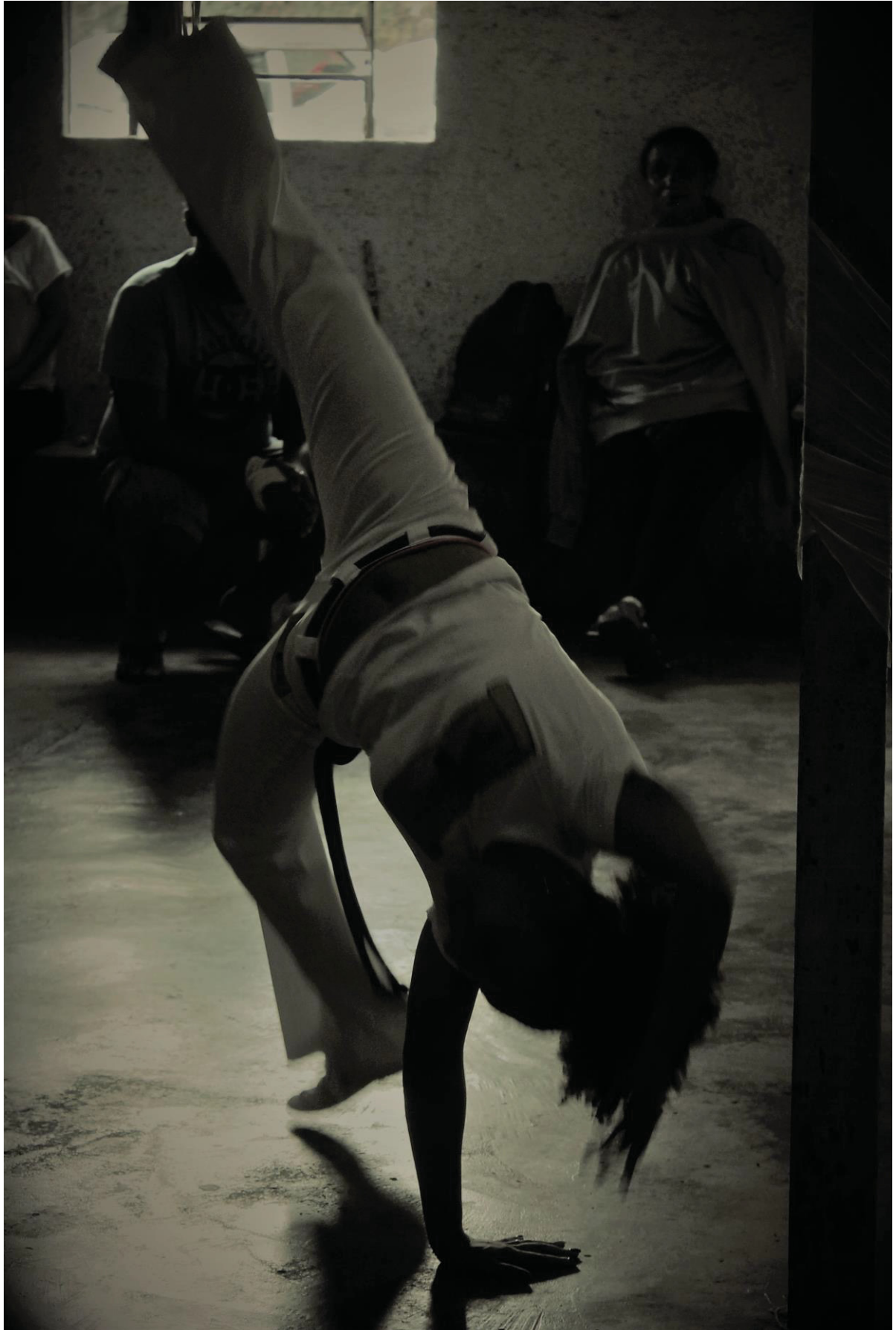
Sua oficina foi dinâmica, deslocando as participantes o tempo todo para realizar movimentos. Cada qual na sua condição, com apoio da oficina e das demais capoeiristas, em gestos constantes de cumplicidade, uma apoiando a outra, seja numa palavra de incentivo, ou com movimento do corpo para impulsionar a efetividade do movimento.

Entre uma acrobacia e outra, as capoeiristas riam de si mesmas. Eram experimentações corporais vivenciando a pedagogia do erro como espaço do aprender. Corpo-movimento, corpo-palavra. O que mais envergava era o meu pensamento.

³⁶ Chamamos de floreios os movimentos de acrobacia.

³⁷ As fotografias produzidas nos encontros estendem-se as redes sociais nos perfis pessoais e institucionais. Produzem eco, movem discursos. Dois cartazes de divulgação, 2º e 6º encontro, trazem imagens produzidas nesse processo.

Fotografia 9 - Capoeira é arte, não falei?



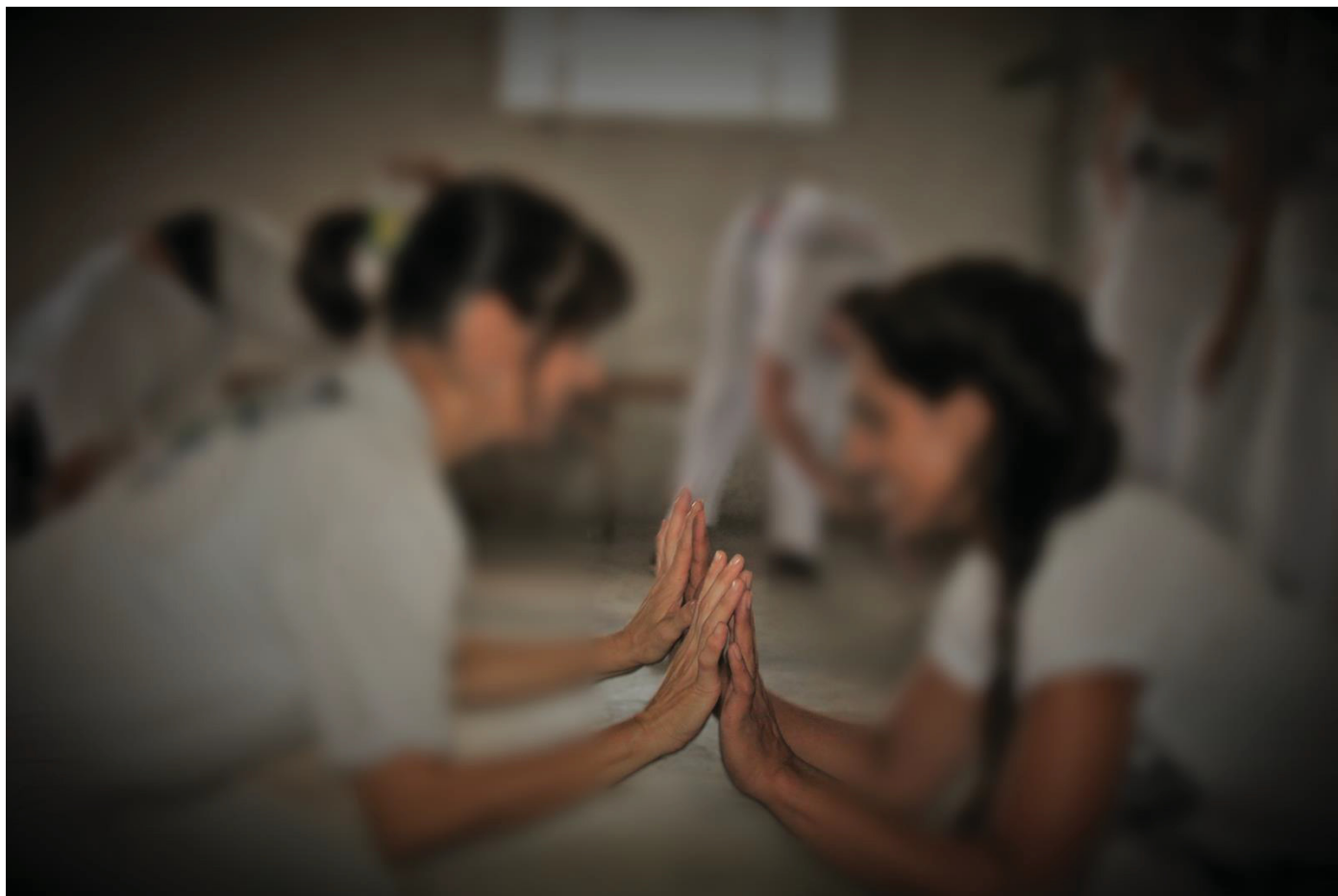
Fonte: Acervo pessoal da autora.

O terceiro momento desse Encontro foi a roda de capoeira. Porém, antes de formá-la, as idealizadoras do coletivo nos convocaram para um diálogo, afinal, este era o 1º Encontro do coletivo e muitas questões surgiam nessa construção.

Guardei a câmera e sentei-me no chão junto as participantes. Na roda, pontos fortes: a força da mulher na capoeira, o propósito do coletivo, a participação dos homens nos próximos encontros. Essa última pauta foi a mais polêmica e as divergências instauravam outros dispositivos éticos-estéticos-políticos, como a discussão de gênero, ressignificação da roda enquanto construção coletiva entre homens e mulheres, hierarquia na capoeira e a nossa assinatura enquanto coletivo feminino.

A conversa operando ações de transformação, dentro do coletivo e nas escolas/grupos ali representados por nós capoeiristas, construindo modos de fazer e estar na roda.

Fotografia 10 - Cumplicidade



Fonte: Acervo pessoal da autora.

CONEXÕES

Borrando fronteiras, o coletivo estendeu o convite a uma convidada de outro estado para ministrar uma oficina no 2º Encontro, que aconteceu no mês de maio de 2017.

Assim como tudo vem se construindo no *Canto de Aidê*, receber uma capoeirista “de fora” foi uma abertura, já que a ideia inicial do coletivo era reunir as mulheres capoeiristas da cidade de Curitiba e região metropolitana. A convidada veio acompanhada de algumas de suas alunas.

As conexões já se iniciaram pelo grupo do *Whatsapp*, com mensagens de boas vindas e muita receptividade. No dia do Encontro trocamos fotos no grupo anunciando as chegadas.

Assim como sugerido pelas idealizadoras do *Canto de Aidê*, cada encontro é ministrado por duasicineiras. Portanto, esse 2º Encontro foi ministrado pela capoeirista convidada e por uma das *Aidês*, que nos recebeu em *seu canto*.

A novidade do coletivo despertava nas participantes a aposta em mais um encontro potente marcado pela diversidade de saberes, filosofias e histórias de vida.

As oficinas se iniciaram com um tempo de atraso já que fora marcado na região metropolitana e era mais distante para a maioria das participantes. Sentia-me ansiosa por esse Encontro e podia perceber o mesmo nas demais *Aidês*.

A primeira oficina é ministrada pela *Aidê* “dona da casa”, com a proposta de treinar movimentações básicas e sequências. Desse modo, ela separa o grande grupo em dois, por conta do espaço físico que era pequeno para o que se propunha, e pela graduação, separando as iniciantes das mais graduadas, a fim de direcionar os ensinamentos conforme as fases de cada grupo/escola. Essa prática é muito comum em oficinas de capoeira de modo geral, porém, não é uma regra.

Os movimentos foram sendo experimentados ora individualmente, ora em duplas e as expressões e gestos tomavam conta daquele espaço. Senti uma atmosfera familiar, laços de amizade e consanguíneos.

O meu transitar pelo espaço se dava com as lentes, com o olhar e sorrir. Eu era parte deste movimento, assim me sentia.

Rodas se formaram no decorrer da atividade, e eu capturando movimentos, cabelos esvoaçantes, sorrisos, pernas para o ar, apertos de mão...

Fotografia 11 - Mandingueiras



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Fotografia 12 - "Se não esquiva, o cabra cai"



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Finda-se a primeira atividade com os agradecimentos daicineira, momento em que explica sua proposta de trazer elementos de sua vivência nos modos de treinar e ministrar aulas de capoeira. Aplaudimos com gratidão e nesse mesmo clima iniciou-se a segunda atividade do Encontro com a capoeirista convidada, uma Contra-Mestra³⁸. Sua voz serena e olhar firme imprime sua presença na aula.

Segue-se a atividade, com uma proposta semelhante à oficina anterior, trabalhando as movimentações básicas da capoeira. O espaço preenchido por gestos, sentimentos, camaradagem e musicalidade da capoeira.

Solicitadas pelaicineira, as *Aidês* compõem a roda que finaliza as atividades do dia. A Contra-Mestra segue gingando com as palavras. Narra, de forma breve, sua trajetória na capoeira, elencando questões importantes, como as dificuldades e conquistas que perpassou sua história, destacando seus processos formativos como mulher, como capoeirista.

Fotografia 13 - Histórias ritmadas



Fonte: Acervo pessoal da autora.

³⁸ Graduação que antecede o grau de Mestra. Algumas escolas/grupos utilizam a nomenclatura Mestranda (o).

A musicalidade é muito presente na vida da Contra-Mestra, a qual realiza trabalhos paralelos com a música popular, especificamente com instrumentos de percussão. Ela trouxe esses saberes para a roda, destacando os fundamentos da capoeira em relação à bateria³⁹.

Entrego minha câmera fotográfica para uma amiga e me direciono aos instrumentos. Meu corpo vibrando em outra frequência. Berimbau beija barriga, e sigo recebendo poesia no peito.

O coro⁴⁰ feminino empodera os instantes, os gestos. Corpo-movimento tecendo jeitos de organizar a técnica, a performance, os fundamentos da capoeira. A arte, antes de estilo, é relação. O jogo como espaço de criação. A arte fala da nossa existência.

MULTIPLICIDADE

Fui adentrando a escola, localizada na região metropolitana de Curitiba, onde aconteceu o 3º Encontro das *Aidês*, num sábado frio do mês de junho de 2017. Um cheiro de torta salgada pairava no ar.

As capoeiristas vão chegando e organizando o espaço. Eu, trajada de vestido de chita que foi de minha mãe, feito pelas mãos da minha falecida avó materna.

O Encontro é temático, e em meio a berimbaus e bandeirinhas de São João, a mesa de guloseimas é montada com quitutes trazidos por cada uma das participantes. À espreita, fui fotografando o movimento das mulheres decorando aquele ginásio, e as crianças correndo e *capoeirando* por ali.

A escola atende um público de crianças com necessidades especiais, e uma dasicineiras do dia é professora nesta instituição.

O ginásio colorido emoldura o branco dos abadás. Organizamo-nos em roda e aicineira inicia sua fala e conduz a atividade. Ela divide as participantes em pequenos grupos, e solicita que cada grupo construa possibilidades de trabalho, pensando na inclusão de crianças com deficiência, público atendido pela icineira na instituição.

³⁹ Composição de todos os instrumentos na roda de capoeira. Cada grupo/escola tem sua maneira de organizar a bateria.

⁴⁰ Dentro dos fundamentos da capoeira, o coro é composto por todas as vozes presentes na roda, como que responder um refrão da cantiga do (a) cantador (a).

Os grupos contavam com a presença de algumas crianças da escola, as quais possibilitaram criar-experimentar junto, sentir com elas maneiras outras de jogar capoeira.

Fui circulando pelos grupos, fotografando e me encantando com o cuidado umas com as outras. Colocar-se no lugar do outro era a proposta que estava nas entrelinhas. Pensar atividades de capoeira possíveis para pessoas com grandes limitações, físicas e cognitivas, foi um exercício do corpo, da sensibilidade. Estar junto, construir com.

O processo criativo se alinhava ao processo instintivo. Muitas *Aidês* ali presentes sequer ministraram uma aula. Envolveram-se, discutiram, experimentaram aprendizagens mútuas.

Em seguida, aicineira reuniu todos os grupos e cada um apresentou as possibilidades de atividades que criaram e experimentaram. Cada grupo dispunha de diferentes materiais de apoio (cordas, cones, bola e tatame).

Organizamos a roda. Entreguei a câmera para uma das *Aidês* e fui para a bateria. O jogo se inicia. Todas se revezam entre instrumentos e jogos. Corpo e coração aquecidos.

Como já estávamos em roda, a segunda oficina do dia se inicia naquela formação. A proposta é vivenciar passos do Coco de Roda⁴¹. Eu me dividia entre fotografar e dançar junto. Sem que a roda fosse interrompida, as *Aidês* foram saindo aos poucos e vestindo suas saias e vestidos de chita. Eu via bainhas rendadas movendo-se nos passos ritmados do Coco. Meus olhos fitados nos pés.

⁴¹ Gênero de dança e canção da tradição afro-nordestina. É dança em roda de homens e mulheres, tendo no centro um solista, e cantada sob a forma de interpelação e resposta, frequentemente com os solos no estilo da embolada (LOPES, 2004, *apud* LIMA, 2007, p. 89).

Fotografia 14 - "Cêis" olhos



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Fotografia 15 - Afro-nordestino



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Esqueci dos registros por instantes quando me vi segurando a câmera na mão sem direção alguma, a música conduzia meu corpo. Eu compunha com a grande roda. Coco, pisadas, risos...o chão dançava junto.

Fotografia 16 - É na barra da saia que eu vou!



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Fotografia 17 - Modos de aprender-ensinar



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Fotografia 18 - Força coletiva



Fonte: Acervo pessoal da autora.

AFAGO

(...) deixar apenas que a emoção perdure.

(Manoel de Barros)

Numa tarde de inverno, em de julho de 2017, inicia-se a movimentação para o 4º Encontro do *Canto de Aidê*.

Desta vez eu sou uma das ministrantes das atividades do dia. Chego mais cedo para ajudar na organização, e lá encontro as camaradas da minha escola/grupo finalizando a decoração do espaço para receber as participantes. Tudo pensado e preparado com carinho, transformando o lugar frio e cinza em um espaço de encontro e acolhida.

Entre abraços, afinação de instrumentos, organização do local, as *Aidês* iam chegando e ocupando o espaço. Mochilas, saias rodadas também participam da conversa informal.

A palestrante do dia chega, organiza seus equipamentos que são instalados ao chão, junto aos colchonetes organizados em forma de roda, para que a conversa fosse bem próxima, a pedido dela.

Dividimos o espaço em dois ambientes, um para desenvolver a proposta “*Vem brincar mais eu*”, prática lúdica de movimentos e brincadeiras pedagógicas, propostas e ministradas por mim, e outro para a acolhida na roda de conversa com a palestrante, uma capoeirista médica psiquiatra com a abordagem “*Quando o TEA⁴² – Autismo e TDAH⁴³ entram na roda*”.

Com o berimbau nas mãos, convido as *Aidês* para chegar à roda e darmos início à primeira atividade do dia, “*Vem brincar mais eu*”. Entoando sons e cantigas, as *Aidês* são convidadas para brincar. Experiência com o corpo vivenciando possibilidades outras de movimentos de capoeira, embalados pelas tradicionais cantigas de roda.

Movimento, bicho, jornal, risos, brinquedo, cantiga, palmas, correr, dar as mãos, gingar, gingar, gingar...permitir-se. Mulheres brincantes, capoeira sorrindo.

⁴² Transtorno do espectro autista.

⁴³ Transtorno do *déficit* de atenção com hiperatividade.

[...] *Abro a terra e boto sementes.*
Deixo as sementes para a chuva enternecer [...].

(Manoel de Barros)

Nos intervalos das brincadeiras, conversas interessadas, encantamentos. Jogamos na roda um fazer pedagógico, dialogando com possibilidades, experimentações, experiência em gestos.

Mas nossas palavras traçaram um rastro, vibraram no ar, tocaram a outros. E o que vibra segue seu caminho, incita, se recarrega, se multiplica, cresce e continua. Transforma-se. (LARROSA, 2016a, p. 113).

Organizamos-nos para a segunda atividade do dia, a palestra com a *Aidé*, doutora psiquiatra e capoeirista.

Berimbau silenciou por instantes e atentamos para a temática. Sentamos em roda, uma ao lado da outra. A conversa segue. Olhos atentos, escuta, *slides*, realidade dura. Alguns corações sangraram, transbordaram dor ao relatar as dificuldades com filhos e filhas em casa, diagnosticados (as) com Autismo e TDAH. A doutora pausa, abraça, afaga. Histórias de vida emergem as lágrimas. Silêncio, empatia, acolhida.

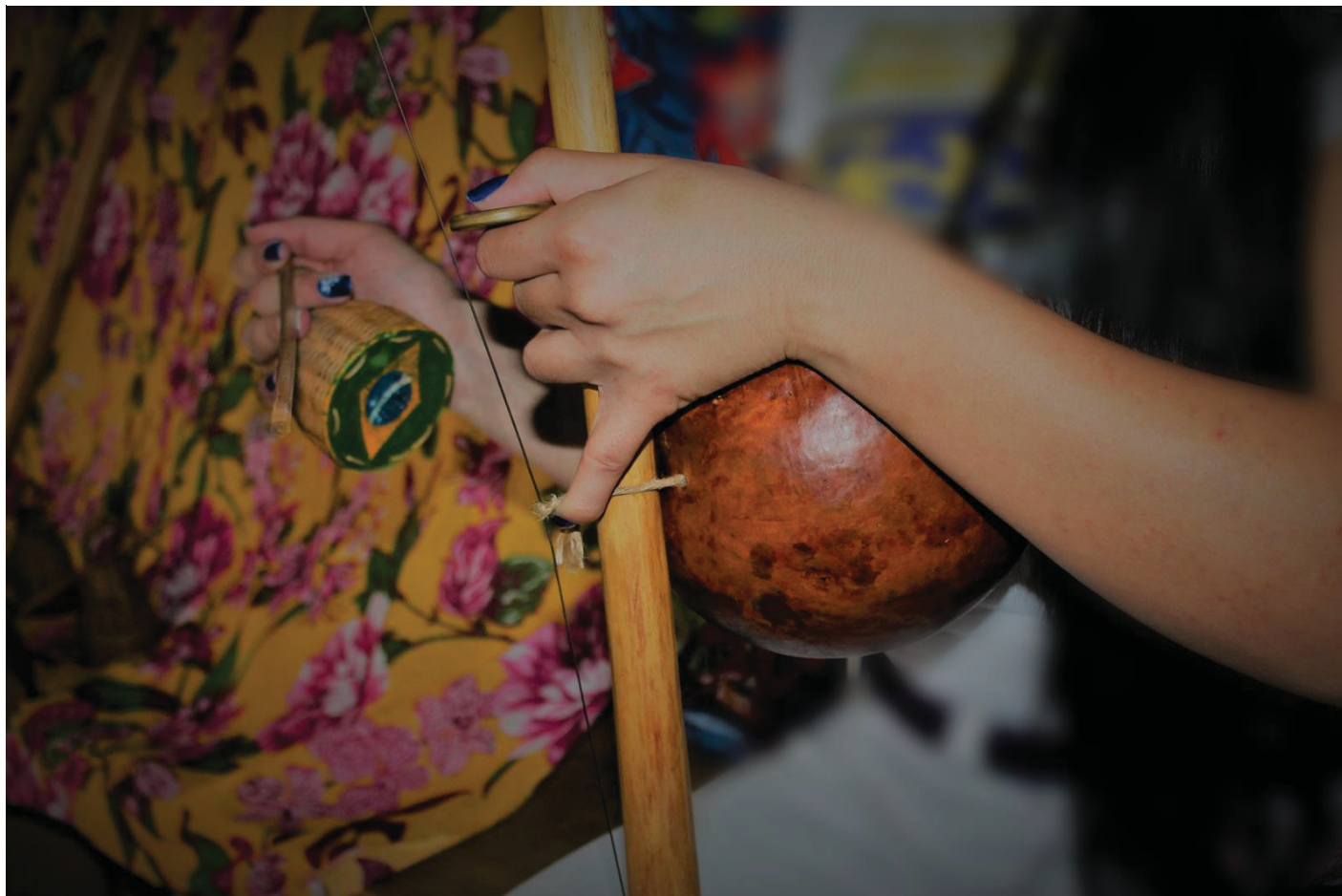
Por fim, organizamos a roda. O samba foi convidado. As *Aidês* vestem suas saias, o balaio é colocado no centro da roda e a cantiga compassa pés, mãos, ritmos.

Neste Encontro nos propomos a arrecadar livros de literatura infanto-juvenis para doar para instituições públicas que atendem crianças e jovens. Descontraídas, as *Aidês* dançam e depositam o livro no cesto. Eles ganharão um novo lar.

Aos poucos as saias dão lugar ao abadá. Entra berimbau, entra pandeiro, entra agogô, entra a vontade de jogar!

lê, é hora, é hora, camará!

Fotografia 19 - Receber poesia no peito



Fonte: Acervo pessoal da autora.

DEVIRES

Cada encontro uma surpresa. Os *cantos* que recebem as *Aidês* as acolhem de maneira singular e o 5º Encontro, que aconteceu em agosto de 2017, não foi diferente. Pensando na diversidade das mulheres que compõem o coletivo, o espaço foi decorado com imagens criadas⁴⁴ por uma das *Aidês*, retratando as mais variadas identidades.

Despreocupe-me em levar a câmera fotográfica neste Encontro por duas razões: a primeira porque uma das organizadoras trabalha com áudio-visual e sempre registra eventos do seu grupo/escola; e, a segunda, por eu estar retornando aos poucos a treinar os movimentos e, por isso, não poderia registrar o Encontro. Difícil envolver-se simultaneamente nas duas atividades.

⁴⁴ *Avatares*, figura gráfica.

Este Encontro conta com a participação de outras mulheres não praticantes de capoeira, que vieram a convite de uma das *Aidês*, pelo interesse nas temáticas propostas: Feminismo e *Abayomis*⁴⁵.

Dentro do coletivo, o nosso principal meio de comunicação são as redes sociais, nas quais se discutem e se decidem as questões pertinentes aos próximos encontros. Sendo assim, fora comentado sobre a possibilidade de convidar outras mulheres que tivessem interesse em somar experiências com as participantes do *Canto de Aidê*.

Salão cheio, mulheres e crianças (filhos (as) das *Aidês*) sentadas aguardando o início das atividades. A primeira parte tratou da temática das *Abayomis*, sua origem e significado. A palestrante trouxe a influência dessa boneca, feita de tecido, para as bonecas de pano que vieram posteriormente. Apresentou exemplos que circularam na roda. Bonecas carregadas de histórias passando em nossas mãos, resgatando histórias e trazendo outras. A diversidade do coletivo dispara outros conhecimentos, relacionando a cultura das bonecas de pano com a cultura que vivemos. Quem brinca com boneca?

Nessa mesma linha de reflexão, inicia-se a segunda e mais polêmica temática, a abordagem do feminismo. Aicineira contextualizou, de forma breve, a construção histórica do movimento e suas demandas. Cartazes anexados às paredes do espaço também compunham esta potente fala.

Em uma dinâmica em grupos, a icineira distribuiu frases disparadoras de uma discussão-reflexão sobre o machismo dentro e fora da capoeira. Essa conversa levantou várias questões sobre a mulher na sociedade, suas lutas e anseios, que também se refletem na roda. Uma discussão que não cessa inquietações. Muitas mulheres se colocaram a falar e trazer, emocionadamente, suas experiências de vida, em grande parte, experiências desagradáveis, doloridas.

Encontro provocador. Devir-mulher (re) surgindo numa roda de conversa que reivindica um lugar de fala, um desabafo, um grito para libertar subjetividades.

Ao ler Rolnik (2018) mergulho mais profundamente nessas potências de vida que reclamam seus modos de existir e o propósito que configura este encontro:

⁴⁵ Para acalantar seus filhos durante as terríveis viagens a bordo dos tumbeiros – navio de pequeno porte que realizava o transporte de escravos entre África e Brasil – as mães africanas rasgavam retalhos de suas saias e a partir deles criavam pequenas bonecas, feitas de tranças ou nós, que serviam como amuleto de proteção. As bonecas, símbolo de resistência, ficaram conhecidas como *Abayomi*, termo que significa “Encontro precioso”, em Iorubá, uma das maiores etnias do continente africano cuja população habita parte da Nigéria, Benin, Togo e Costa do Marfim. Disponível em: <<http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>>. Acesso em: 17 set. 2018.

Diferenciar ambas intenções é especialmente indispensável para os corpos considerados de menor valor no imaginário social – como o corpo do pobre, do trabalhador precarizado, do refugiado, do negro, do indígena, da mulher, do homossexual, do transexual, do transgênero etc. Quando a insurgência desses corpos abarca um desejo de potência, além da necessidade de empoderamento, é mais provável que o movimento pulsional encontre sua expressão singular e dele resultem transmutações efetivas da realidade individual e coletiva, inclusive em sua esfera macropolítica. (ROLNIK, 2018, p. 133).

Encontro marcado pelo empoderamento da mulher. Muitas ali presentes acessaram um mundo jamais imaginado. Foi um momento potente. Fomos para um breve intervalo. As questões ali discutidas reverberando em mim.

Seguimos o Encontro com outras propostas das oficinas, que dividiram o grande grupo por ordem de graduação. As iniciantes seguiram para o espaço ao lado, para a oficina de toques de berimbau, e as mais graduadas permaneceram na mesma sala para a oficina de movimentação.

Meu corpo revivendo as sequências de movimentos, ainda limitados. Esforcei-me para acompanhar a dinâmica, respeitando meu corpo e minha condição de (re) adaptação.

As oficinas duraram em média 40 minutos e em seguida foram alternadas as turmas para que todas experimentassem as duas atividades. Segui para a sala ao lado: a “roda de berimbaus”. A oficina mediando os toques, explicando, detalhadamente, um a um, e, ainda, trazendo sua relação com cada um deles. Era mais que arame e pedaço de pau, era sentimento e fundamento ritmando aquela tarde.

Assim como em todos os encontros, finalizamos com a roda. Fiquei a bater palma, cantar coro e assistir. Muitas capoeiristas iniciantes e jovens, fazendo a roda tremer.

*Mulher na roda não é pra enfeitar
Mulher na roda é pra ensinar⁴⁶.*

⁴⁶ Fragmento da cantiga *Mulher na Roda*, de Carolina Soares.

MEMÓRIAS

O 6º Encontro aconteceu num *canto* tradicional da capoeira na cidade de Curitiba, em setembro de 2017. Subir as escadas da matriz⁴⁷ provocou um misto de sentimentos. Por toda a minha trajetória na capoeira ouvira falar desse lugar, mas até então não havia estado lá.

Logo ao adentrar a academia, a *Aidé* “dona da casa” me cumprimenta e solicita que eu retire o calçado antes de entrar na sala de treinos e roda. Ao me fazer esse pedido, ela diz: “*aqui é só descalço, tradição do Mestre*”. Deixei meu tênis ao lado da entrada e adentrei a sala. O símbolo do grupo/escola estampado no chão, bem ao centro e ocupando quase todo o espaço. Foi místico pisar ali, frio na barriga, camaradinha!

Fiz alguns registros do espaço-Encontro com meu aparelho celular, pois a câmera fotográfica ficou em casa. Desde o 5º Encontro do *Canto de Aidé*, me dispus a participar sem me preocupar com as fotografias, pois meu corpo já permitia exercitar-se por períodos mais longos e executar os movimentos da capoeira. Embora esta arte permita estar na roda de outras maneiras, treinar me transbordava de alegria, mas, de algum modo, algo me faltava.

Sentamos no chão para iniciar a atividade. Além dasicineiras do dia, o encontro contou com a participação de uma professora do mesmo grupo/escola, para narrar, de forma breve, suas pesquisas acadêmicas e suas experiências com a capoeira em outros países. Ela trouxe exemplos da participação da mulher na capoeira, em diversos contextos, destacando o “machismo” nas rodas, assim como o coletivo vem discutindo e refletindo ao longo dos encontros. Foi mais um momento de reafirmarmos nossa luta na capoeira.

Prosseguimos a conversa, e a Mestra, que integra o coletivo, foi homenageada na ocasião, pois foi dentro deste grupo/escola que ela fez parte durante muitos anos desde que saiu de Recife, capital do Estado de Pernambuco, e veio morar em Curitiba. Foi lindo e emocionante ouvir sua história, pois ela é uma das nossas referências como mulher na capoeira.

Com o corpo vibrando em emoções, iniciamos a primeira oficina. A sala estava cheia, e algumas *Aidês* tocaram e cantaram enquanto acontecia a aula-treino-encontro.

⁴⁷ Academia do Grupo Muzenza, uma das pioneiras em Curitiba a dar aulas de capoeira na década de 1970.

Eu podia sentir novamente a meia lua de compasso, aú, rolê, ginga, negativa⁴⁸... o balanço e a negação.

A segunda oficina segue as atividades com a mesma proposta de treinar movimentos básicos da capoeira em forma de sequências. Ora os movimentos são individuais, ora em dupla. A interação com as capoeiristas de outros grupos/escolas, bem como de diferentes níveis de graduação, é a marca do coletivo.

É chegado o momento da roda. As “donas do canto” explicam como procedem nos fundamentos da roda dentro da “sua casa”. A cada encontro, as subjetivações variam. O coletivo incorpora e embarca nos agenciamentos enunciados, como elucida Guattari e Rolnik (2013, p. 39), esses agenciamentos colocam em conexão diferentes instâncias, produzindo as subjetividades.

Na roda ouvem-se ruídos do querer, receptividade, disponibilidade. O sujeito é o lugar do acontecimento, assim nos diz Larrosa (2016a). E pensando com ele sobre esse lugar de acontecimento, o sujeito da experiência⁴⁹ se expõe como uma abertura essencial para a chegada, para afecções. “Na roda de capoeira encontramos vários signos cognitivos e estéticos, ou seja, todos os movimentos do capoeirista estão permeados por signos perceptivos e afetivos”. (SILVA, 2003, p. 59).

Os gestos são linguagem do corpo em um pensar e fazer deslocamentos, perguntas e respostas. Aproximação, distanciamento, olhar sempre atento!

*Balança o corpo sinhá
Balança o corpo sinhô
Põe mandinga no jogo iáíá
Põe mandinga no jogo ioiô.*

(Abadá Capoeira)

Larrosa (2011, p. 18) provoca e inspira pensar a singularidade:

A experiência se abre ao real singular, isto é, como inidentificável, como irrepresentável, como incompreensível. E também como incomparável, como irrepetível, como extraordinário, como único, como insólito, como surpreendente. Isto é, como outro (do que eu posso identificar, do que eu posso representar, do que eu posso compreender).

⁴⁸ Movimentos de capoeira.

⁴⁹ Segundo Larrosa (2016a, p. 28), “[...] é experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma”.

Os gestos vão tecendo composições, conectando corpos, entrevedo mundos! Linguagem do sensível, das paixões, estremecendo e atravessando sujeitos, ressoando em cantos e pensamentos.

Na capoeira o olhar não desvia, comunga desejos, disputa espaço, narra os corpos, reivindica conexões.

Capoeira tem batuque, tem silêncio, pausa e compasso elaborando experiências, circunscrevendo sentidos, intercambiando linguagens e afetos.

*Capoeira é defesa, é ataque
É ginga de corpo
É malandragem.*

(Mestre Buguês)

REVERBERAR

Fotografia 20 - Resistir, lutar



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Num domingo de outubro de 2017, as *Aidês* reúnem-se para o 7º Encontro. Desta vez o Encontro é num “*canto público*”, no Memorial de Curitiba, localizado no centro da cidade.

Seguindo a proposta da campanha social do *Outubro Rosa*⁵⁰, o coletivo organizou este momento para trazer questões pertinentes à prevenção do câncer de mama e colo do útero. Pensando na saúde e, de modo mais abrangente, este Encontro foi aberto ao público não capoeirista, bem como ao público masculino.

Iniciamos o Encontro com uma passagem pela feira do Largo da Ordem⁵¹, vestidas de abadá, camiseta rosa e berimbau. Seguimos tocando até o local marcado para uma roda.

A cor rosa colorindo um dia cinza e fortalecendo o compromisso com a causa social.

A roda das *Aidês*, em praça pública, anunciando um coletivo que busca fortalecer o lugar da mulher na capoeira e na sociedade, como lugar de igualdade de direitos. Cantigas, gestos, cores e movimentos convidando o público presente a seguir junto em prol da arte e bem-estar.

Meu corpo apreensivo, eu sentia algo de errado com ele, mas achava que não se tratava de nada grave. Mal podia imaginar o que viria adiante. Entrei poucas vezes na roda para jogar, estava limitada novamente por outro tipo de lesão. Uma lesão no colo do útero.

Findada a roda, seguimos para o auditório do Memorial onde as palestrantes convidadas nos aguardavam para uma conversa sobre a temática do Outubro Rosa. Havia poucos homens na plateia, e a grande maioria das mulheres presentes eram integrantes do *Canto de Aidê*.

ANCESTRAIS

Cheguei ao espaço da universidade, local marcado para as oficinas do 8º Encontro do coletivo, no mês de novembro de 2017.

Aicineira já estava conduzindo as palavras iniciais de boas vindas às *Aidês*, que estavam acomodadas nas carteiras de uma sala de aula. Sentei na primeira

⁵⁰ Campanha social de combate e prevenção ao câncer de mama e colo do útero.

⁵¹ Feira de artesanatos, tradicional da cidade de Curitiba, que acontece aos domingos.

fileira, que dispunha ainda de lugares vazios, e fui cumprimentando as participantes com um sorriso, um olhar, um aceno.

Prontamente, retirei minha câmera fotográfica da mochila e iniciei os registros do Encontro. Aicineira apresentou a autora do documentário que seria exibido logo em seguida e passou a palavra para ela. Foi uma fala breve sobre o processo de criação do documentário, um curta-metragem, sob o título “Umbanda: de todos para todos”⁵², de Thaís Penteado, o qual foi exibido às participantes.

Após o término do documentário, a autora dispôs-se a responder perguntas das capoeiristas. Foi um momento enriquecedor. Muitas questões foram colocadas na roda sobre as tradições desta religião.

O segundo momento do Encontro foi a palestra com a temática “*De Zumbi, Dandara, às Comunidades Quilombolas de hoje...*”.

A Aidê palestrante é professora-pesquisadora de comunidades remanescentes, e trouxe este trabalho para, junto com o coletivo, refletir e discutir sobre a história e luta desses povos, no passado e atualmente.

Fotografia 21 - Quilombo (s) vivo (s)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

⁵² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mseyHv9hD44>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

A abordagem deste Encontro, enfocando, sobretudo, a ancestralidade, está intimamente ligada à história da capoeira, uma vez que, segundo Muniz Sodré:

[...] não há história sem ancestral. É a ancestralidade que permite a força para que a história em sua mutação se instale. (SODRÉ 1997, *apud* CASTRO JÚNIOR, 2004, p. 149).

Sendo assim, evocar a ancestralidade, é relacionar-se com os ensinamentos que permanecem através do tempo:

A *ancestralidade*, de maneira geral, é considerada relativa aos antepassados, aos antecessores, aos que passaram e aos que se encontram presentes. Na roda de capoeira, como fora dela, a relação do capoeirista com seus antepassados é íntima. O morto, o ancestral, está presente tanto no passado como na contemporaneidade. A essência da *ancestralidade* é uma relação híbrida do “velho” com o ‘novo’, do passado com o presente, do visível com o invisível e do imanente com o presente. (CASTRO JÚNIOR, 2004, p. 149-150).

Seguimos com as atividades do dia, deslocando-nos para outro espaço, uma quadra esportiva na área externa da universidade. Os tatames azuis estavam lá esperando. Gunga, médio e viola⁵³, também.

A atividade proposta era cintura desprezada⁵⁴. Eu, com a câmera a postos, cliquei o medo e a confiança das capoeiristas lançadas ao ar. Quedas, tentativas, “envergações”, caretas: o *click* capturou!

A roda final, para encerrar as atividades do dia, aconteceu em outro espaço, dentro da universidade. Deslocamo-nos para lá. Era o espaço onde a oficina ministra suas aulas durante a semana.

Organizamo-nos em círculo, ajeitamos em cima de um tecido os objetos pessoais e os confeccionados por nós, que levamos para trocar umas com as outras. Ao pé do berimbau, cada capoeirista escolhia um objeto para levar para si. Era troca de energia, de afetos.

Roda boa. Confraternizamos e encerramos o Encontro.

⁵³ Denominação dos três berimbaus, com tamanhos e sons diferentes, que compõem a bateria da roda de capoeira.

⁵⁴ Sequência da capoeira Regional, criada por Mestre Bimba, baseada em movimentos ligados, como o balão, usados para defesa (MORENO, 2005 *apud* LIMA, 2007). Balão: em lutas corporais, golpe em que o lutador lança o adversário por cima do próprio corpo (FERREIRA, 1986 *apud* LIMA, 2007).

TREMORES

*Confortável seria se a vida tivesse somente nós de rosa,
 como esses que amarram e embelezam
 nossas cordas de capoeira.
 Há nós que apertam,
 há nós que afrouxam,
 há nós que engasgam a garganta,
 há nós que amarram ideias,
 há nós que selam relações!⁵⁵*

Participei com as integrantes do *Canto de Aidê* na organização do 9º Encontro, em dezembro de 2017, construindo o cartaz de divulgação.

Num clima festivo, as capoeiristas se movimentavam no grupo do *Whatsapp* para o Encontro que chegaria e marcaria o encerramento das atividades do coletivo naquele ano.

Como nos demais encontros, as *Aidês* confirmavam presença sempre em tom de convite as demais, incentivando a participação de todas. Porém, um acontecimento entre um encontro e esse último marcara as expectativas das *Aidês*. Algumas integrantes de referência deixaram o grupo do *Whatsapp*, o que causou inquietações nas demais *Aidês*. Por isso, o próximo encontro presumia alguma falta ou vazio.

Em uma relação de reciprocidade e afeto, convidei as *Aidês* para contar, por meio de depoimento, sobre o último Encontro do *Canto* em 2017, pois neste eu não pude estar presente, devido ao meu estado debilitado de saúde.

Enviei o convite a todas que quisessem contribuir com a presente pesquisa. Para relatar as impressões do 9º Encontro, bem como as contribuições do *Canto de Aidê*, de todos os encontros, em suas formações. Apenas três participantes (*Aqaltune*, *Dandara* e *Anastácia*)⁵⁶ se dispuseram a compartilhar seus depoimentos, numa postura de abertura e sensibilidade.

Agendei com cada uma delas a conversa, em diferentes momentos. O primeiro depoimento, com *Aqaltune*, aconteceu numa quarta-feira de agosto, em 2018. Ela mostrou-se um tanto apreensiva em relação ao que seria essa conversa. Procurei deixa-la à vontade para contar, sem tantas intervenções.

⁵⁵ "Poesia de Nós", de minha autoria.

⁵⁶ Utilizarei nomes fictícios para preservar o anonimato das depoentes. Suas falas e impressões aparecem com fonte de letra diferenciada.

Nessa grande roda de acontecimentos e agenciamentos, nosso jogo é o diálogo movido pelo exercício da implicação, envolvendo eu e ela num mesmo plano de composição. O diálogo foi se constituindo como uma conversa informal entre amigas, abrindo espaço para espontaneidade e troca de ideias a nosso modo capoeira de ser. Convoco Amaranta Krepschi (2013) para compor esses diálogos quando ela fala de uma escuta dos movimentos pequenos, povoados de atenção.

Enfim, uma certa mágica pode se dar com a palavra. Quando uma ativa algo, instala uma atmosfera, tratando-se, portanto, de um gesto: palavra-corpo. Se com faro aguçado nota-se que algo se deu, o dito deslocou-se de sua proposição inicial, o não dito ganha algum espaço de se dizer de alguma maneira. (KREPSCHI, 2013, p. 53).

Aqualtune afirma sobre esse Encontro que marcara rupturas. Algumas *Aidês* divergiam sobre a participação de uma escola/grupo que acabara de integrar o coletivo, o qual muitas delas teriam problemas de relacionamento, bem como com as subjetivações construídas com seus Mestres. O 9º Encontro:

“[...] só que o Encontro, eu... eu falo de mim, ele gerou certa insegurança da minha parte, porque estavam ocorrendo algumas divergências de opiniões dentro do Canto, e eram opiniões assim muito fortes em relação às participantes”. (AQUALTUNE, 15 ago. 2018).

Assim como *Aqualtune*, *Anastácia* relata os tremores do coletivo, trazendo os acontecimentos que a afetaram:

“[...] O que eu presenciei lá foi isso! Até por isso eu sai do Encontro de Aidê, né? Sai porque não achei certa aquela atitude das meninas. Podia ter falado isso no particular. [...] Fiquei chateada e sai do grupo”. (ANASTÁCIA, 05 set. 2018).

As falas revelam momentos de instabilidade, descontentamento. É tempo de acolher o que emerge como acontecimento (EUGÊNIO; FIADEIRO, 2012, p. 3). É tempo de reparar e ainda:

Substituir a expectativa pela espera, a certeza pela confiança, a queixa pelo empenho, a acusação pela participação, a rigidez

pelo rigor, o escape pela comparência, a competição pela cooperação, a eficiência pela suficiência, o necessário pelo preciso, o condicionamento pela condição, o poder pela força, o abuso pelo uso, a manipulação pelo manuseamento, o descartar pelo reparar. (EUGÊNIO; FIADEIRO, 2012, p. 3).

O que se instala no caminho do coletivo reivindica outras aberturas.

Lá no Canto de Aidê nós falamos sobre nossos anseios, sobre a liberdade dentro da capoeira, na mulher, o grito forte que ecoa. Das nossas vontades dentro da capoeira, e as vezes vai até fora da capoeira né? E é isso, eu quero muito que o Canto de Aidê permeie por alguns anos. (DANDARA, 22 set. 2018).

De certa forma, nossa, não é nem a dignidade, mas o respeito uma pela outra, isso não poderia se perder, assim que as mais novas nos veem como espelho. Então, se nós mais velhas brigarmos, ou discutirmos ali, além de deselegante para nós mulheres, não é isso que o Canto prega. Não foi com esse objetivo que ele nasceu. Mas, eu acho assim, que se levou pra dentro do Canto foram problemas particulares, problemas que se formaram não dentro do Canto de Aidê, mas ao longo da sua trajetória como mulher, como ser humano e como capoeira, como capoeirista. (AQUALTUNE 15 ago. 2018).

Convoco Rolnik para esse diálogo:

Ufa, aqui a paisagem escureceu sensivelmente; o ar ficou tão carregado que mal se consegue respirar. É como se a vida estivesse definhando. Coloca-se então uma questão ética: a potência criadora da vida encontra-se em perigo. (ROLNIK, 1997, p. 5).

As Aidês seguem abaladas, por instantes desacreditam de tudo que fora construído até aqui. A fala treme e anuncia relações fragilizadas, porém, a força viva da capoeira, da roda, do axé, dissolve desassossegos, transmuta sentimentos.

Nós fizemos a roda, todo mundo jogou, todo mundo cantou, parecia que...a capoeira tem esse poder, não é? De dissolver. Parece que filtrou aquela coisa...no início foi muito pesado! [...] fizemos o chá de bebê, fomos pra roda, todo mundo se abraçou, todo mundo conversou, e, até então, ali se encerrava um ciclo do Canto de Aidê. Foi aí, acabou aí. Todo mundo falou com todo mundo, todo mundo abraçou todo mundo [...]. (AQUALTUNE 15 ago. 2018).

No depoimento de *Aqualtune*, sinto uma fala povoada de certo alívio, e o jogo da capoeira, os abraços e cantos dos quais relata, me imergem nesse instante, permitindo-me acompanhar o que se sucedeu.

Por um lado, a gente aprende muito, né? É isso, não tenho assim muitas palavras pra te dizer. Só sei que foi bom, aquele dia foi muito bom, que a gente fez, um chá de bebê para menina lá, ela ficou muito feliz. Teve a roda, as meninas jogaram e tudo, só que foi esse fato que aconteceu lá que eu não gostei [...]. (ANASTÁCIA 05 set. 2018).

Formação, intensidades, produção de subjetividades marcando as *Aidês* nesse processo de construir um coletivo: nos encontros e desencontros com experiências singulares. Arte e política movendo nossos corpos. Relações que oscilam, operando outros modos de agir.

Movimentos de vida implicando, encorajando, provocando um corpo-atitude. O *Canto de Aidê* produz pistas e me ajuda a olhar para a prática da capoeira como uma constante reinvenção de si.

Fotografia 22 - Amor que marca



Fonte: Acervo pessoal da autora.

QUANDO AS MÃOS DESCANSAM OS PÉS

*A poesia não se perde
Ela apenas se converte
Pelas mãos no tambor.*

(Marcelo Yuka)

Chovia muito naquela sexta-feira de novembro de 2017, e eu inundada de sentimentos. Estava impermeável a qualquer sentença de fim. A voz que reverbera naquele instante: vida em expansão!

Perambulei pelo *shopping* naquela tarde, até chegar o horário de dirigir-me ao consultório médico. Meu marido me acompanhara na ocasião, segurando-me na queda das incertezas. Atrapalhei-me, fiz confusão, e por pouco perderia a consulta médica marcada. Dia de mostrar ao médico oncologista o resultado dos exames (muitos exames) que confirmariam o diagnóstico do que se suspeitara até o momento.

Por instantes perdemos o rumo, entrecruzamos os olhares marejados e o nosso barco desaprumou na maré turbulenta causada pela confirmação de um câncer maligno instalado em meu corpo.

Há alguns dias a existência já não segue sem abalo. Inquietações, angústias e a oportunidade de (re) formular questões e modos de operar. Esse acontecimento me trouxe a potência de agenciar e produzir sentido ao que me move. O que me move? Vida! Isso é urgente. Rompo com força o desespero e me alio à confiança e ao amor que me cerca.

*Na maré mansa já sei remar
Na maré brava meu barco não vai virar.*

(Abadá Capoeira)

Coloquei minha dor na mochila e segui para minha lida feliz. Potencializei o meu desequilíbrio de forma criativa, transmutando a angústia em serenidade. Fui ao encontro das *Aidés* para uma roda de apresentação na Universidade Federal do

Paraná (UFPR)⁵⁷. O desejo de capoeirar vem antes de mim. A capoeira é meu lugar de querer estar!

Berimbau mandou chamar, eu vou.

Chegando à universidade, vozes amenizam minhas dores emocionais. Embora eu as tivesse guardado, estavam ali, junto a mim, pulsando em segredo. O enfrentamento me insulta. Eu queria esquecer as horas anteriores que vivera naquele dia.

As lágrimas já haviam sido cessadas, depois de uma xícara de café, o silêncio cúmplice do meu marido, uma conversa com uma desconhecida no transporte coletivo, os abraços de chegada, o afago de um presente que ganhei. Eram ervas para um chá.

Segui cultivando a fé. Minhas lágrimas não corriam mais e o lamento vinha do arame e da madeira de lei. Tange o berimbau, *ti-ti-dom-dom-dim*. Descalço os sapatos, as meias molhadas, acendo meu sorriso, ajeito minha corda roxa e a voz sai no canto de grito e anúncio. Capoeira é meu lugar de querer estar!

Entramos no rito solene e formamos a roda. *lê, é hora, é hora, camará!* Eu me sentia acolhida pelo coro feminino daquele espaço, pela diversidade de rostos, peles e mundos, e a luta política das feministas formandas me empoderava.

O espaço era pequeno para a formação da roda e a liberdade do jogo, mas o axé agigantava os movimentos e trazia para roda até quem sentava na última cadeira, lá atrás.

Os olhares atentos jogavam com a gente, as palmas e o coro da plateia endossavam uma roda para além do pequeno círculo, deslocando os corpos solenes ao chão da arte popular. A roda termina e o berimbau reverencia os aplausos e risos povoados ali. Foi uma breve apresentação.

Fomos convidadas a assistir toda a cerimônia de formatura e depois confraternizar com as formandas e seus (as) convidados (as).

Desde aquela tarde eu me esforço para me destituir do estado acomodado... (re) aprendo a ver o mundo e sou convocada a deslocar a atenção ao detalhe, lançar luz ao acontecimento e dispor constante atenção ao tempo presente.

⁵⁷ Na ocasião, o Canto de Aidê foi apresentar-se no evento solene de formatura do curso das PLP'S (Promotoras Legais Populares), turma Dandara 2017.

Não nego a crise e sigo, pois, “[...] o que importa não é nem vencer o caos nem fugir dele, mas conviver com ele e dele tirar possibilidades criativas”. (GALLO, 2016, p. 49).

Sentia que passaria por desconhecidas paisagens. Paisagens subjetivas e experiências de desestabilização. Faz parte do processo de existir. Desloco-me e ganho forças inéditas. Pensando com Rolnik (1997, p. 3):

Em certas subjetividades o processo de formação e dissolução de figuras parece fluir mais do que em outras – a subjetividade do artista é um exemplo disto. Notamos que efetivamente os grandes criadores culturais, seja qual for o âmbito de sua produção, tendem a ser especialmente capazes de **suportar a vertigem da desestabilização provocada por uma relação de forças inusitada** – aquela inquietação que há pouco víamos agitar a pele, como se algo estivesse fora do lugar. Especialmente capazes também de fazer uma dobra impulsionada por este novo diagrama, como se sua pele reagisse mais rapidamente do que as demais ao desassossego que ele provoca. **É na obra que o artista materializa o diagrama que sente vibrar em sua pele**, sem por isso corporificá-lo necessariamente em alguma nova figura de sua subjetividade, a qual diga-se de passagem pode ser das mais travadas. [grifos meus].

Mergulho nos planos que tenho, renasço a cada alvorada. Devires. Os dias se sucedem abalados, é verdade, mas ao mesmo tempo expandindo possibilidades. Por muitas vezes, recuei com o corpo e avancei com o olhar – outros mundos e outros modos para estar com. Desacelero o ritmo. Outras nuances. O retrato é um encontro. Devir-fotógrafa. Engendramentos, tons... desenhar com a luz.

Difícil fotografar o silêncio.

Entretanto, tentei [...]

[...] Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.

Fotografei o sobre.

Foi difícil fotografar o sobre [...].

(Manuel de Barros)⁵⁸

⁵⁸ Fragmento do poema *O Fotógrafo*, na obra *Poesia Completa*.

Fotografia 23 - A poesia se converte pelas mãos no tambor



Fonte: Acervo pessoal da autora.

As *pernadas*⁵⁹ que se seguem após o (s) atravessamento (s) deste acontecimento, uma doença grave que marca meu momento de vida mais trágico e intenso, me desdobra nos devires, me cobra uma força que eu não sabia que habitava, afirma minha vontade de viver, me faz cumprir coragem.

Há uma transformação efetiva em minha vida, e a capoeira me proporciona outros entrelaçamentos, outras linguagens, outras relações. Apego-me nisso. Desejos que não se esgotam.

⁵⁹ Gíria dos (as) capoeiristas, referindo-se ao jogo da capoeira, bem como, metaforicamente, a um deslocar-se pela roda-vida.

(DE) FORMAR - CURSO DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES (AS) DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA PMC⁶⁰

Eu tive uma namorada que via errado. O que ela via não era uma garça na beira do rio. O que ela via era um rio na beira da garça. Ela despraticava as normas. Dizia que seu avesso era mais visível do que um poste. Com ela as coisas tinham que mudar de comportamento. Aliás, a moça me contou uma vez que tinha encontros diários com as suas contradições. Acho que essa frequência nos desencontros ajudava o seu ver oblíquo. Falou por acréscimo que ela não contemplava as paisagens. Que eram as paisagens que a contemplavam. Chegou a ir no oculista. Não era um defeito físico falou o diagnóstico. Induziu que poderia ser uma disfunção da alma. Mas ela falou que a ciência não tem lógica. Porque viver não tem lógica – como diria a nossa Lispector.

(Manoel de Barros)

A formação continuada no campo da educação, bem como na capoeira, tem sido uma dimensão bastante valorizada e promovida, buscando formar profissionais enriquecendo seu repertório pedagógico-cultural.

A capoeira vem jogando na roda com diversos campos do conhecimento como a Antropologia, Sociologia, Pedagogia, História, Educação Física, Artes, entre outras. Desse modo, amplia seu espaço de discussão para além da roda, e na área da Educação cresce significativamente.

A prática da capoeira segue conquistando mais espaço na escola e, no município de Curitiba, está como conteúdo obrigatório no currículo de Educação Física do Ensino Fundamental I, e como proposta no eixo Práticas do Movimento, na Educação Integral.

Sendo assim, a procura por cursos de capoeira voltados para professores (as) de Educação Física do ensino público municipal, bem como para professores (as) das Práticas do Movimento, abriu janelas para fortalecer o currículo escolar, com conteúdo da cultura popular, e articular-se no processo formativo trazendo outras possibilidades de experimentar o movimento, a música, a arte, o corpo.

Na perspectiva de operar essas experimentações e provocar deslocamentos, a capoeira na escola potencializa outros modos de ensinar-aprender esta arte,

⁶⁰ PMC (Prefeitura Municipal de Curitiba).

distanciando-se de técnicas e performance, no sentido de desempenho corporal apenas, e aproxima-se de uma linguagem corporal mais lúdica, sensível e criativa.

No decorrer dos meus 23 anos de prática docente com a capoeira na escola, abriram-se a oportunidade de apresentar alguns trabalhos, nos quais fui me constituindo formadora. Assim como António Nóvoa destaca, sobre o tornar-se formador:

[...] no que isso implica de reflexão sobre nós próprios e sobre nossas práticas, no que isso implica de formação contínua que vá aperfeiçoando os nossos conhecimentos e qualificando as nossas competências. (NÓVOA, 2004, *apud*, JOSSO, 2004, p. 15).

Instaurada num devir-formadora, aprendendo pela/na experiência, recebo um convite, no final de 2016, para ministrar um curso de formação para professores (as) da Educação Básica, atuantes nas áreas de Educação Física, do ensino regular, e Práticas do Movimento, na Educação Integral, a realizar-se no período de setembro e outubro de 2017.

Segundo Larrosa (2016a, p. 48), “[...] a experiência é a que forma a que nos faz como somos, a que transforma o que somos e o que converte em outra coisa”. Para ele, reivindicar a experiência é reivindicar um modo de existência.

Foram programados quatro encontros, sendo dois no mês de setembro e dois no mês de outubro de 2017, no Parque Barigui⁶¹, dividindo o período da manhã e tarde para grupos distintos. O grupo da manhã contou com 14 professores (as), sendo três homens e 11 mulheres, e o período da tarde, com um grupo mais reduzido, de cinco professoras.

Assim como aponta Larrosa (2016b) sobre as práticas pedagógicas, pensei as oficinas, neste curso de formação, sem a pretensão de impor uma verdade, mas trazer efeitos que produzam sentido, longe de prescrever atuações, mas possibilitar a construção de novas práticas.

Nesta perspectiva, os encontros partem de um saber-fazer conjunto, privilegiando interações com outras subjetividades, refletindo sobre “[...] a forma pela qual se constrói e se apresenta o saber humano se esse saber quer produzir efeitos na subjetividade”. (LARROSA, 2007, *apud* COSTA, 2007, p. 139).

⁶¹ Situado na cidade de Curitiba, o Parque Barigui é um dos maiores da cidade e conta com uma ampla e agradável área verde.

Cada professor (a) tem seu modo de ensinar-aprender, e traz consigo suas marcas e experiências. Nessa roda estava em jogo corpos que aprendem a ser afetados e ganham potência para afetar (KASPER, 2011, p. 86), enunciando uma política do sensível, gingando com os saberes e construindo novas pedagogias.

Embora os (as) participantes desses encontros não fossem capoeiristas, com a ressalva de um professor, que é formado e atua com a arte dentro e fora da escola, e duas professoras ex-praticantes, a capoeira na escola, na proposta deste curso, busca dialogar com práticas educativas que se esquivam de formações.

Início o curso convocando os (as) professores (as) a conhecerem a capoeira para além do movimento, deslocando a ideia de uma prática voltada somente para a ginástica, a prática física, como muitos podem supor. Reiterando essa ideia com o que diz Gladson Silva sobre esse olhar para a prática da capoeira, na qual:

[...] possamos vê-la além fronteiras, com os novos capoeiristas sedentos de informações e espaço para crescerem, sem que sejam cerceados pelos sistemas e métodos antigos que amiúde só atendem à EDUCAÇÃO DA TÉCNICA DO MOVIMENTO. (SILVA, 1991, p. 26-27) [grifo do autor].

No 1º Encontro, que aconteceu em setembro de 2017, início uma atividade de literatura na roda, contando a história da capoeira por meio de um livro infanto-juvenil ilustrado e com a linguagem direcionada a esse público. Conversamos sobre as possibilidades e encantamentos que a leitura proporciona, direcionando o olhar dos (as) estudantes e o contato com esta obra.

Após esta conversa inicial, seguimos para o gramado do Parque Barigui. O verde grama e amarelo sol nos chamavam lá fora.

Vem brincar mais eu, mano meu.

Um saber que passa pelo corpo. Os (as) professores (as) com os corpos dispostos a brincar de capoeira naquela quarta-feira de setembro.

Cantigas e berimbau afinados à folia – correr, pular, gingar, esquivar, subir, descer, cantar – pandeiro também reclamou a vez de falar.

Alternando materiais de apoio que compunham as atividades, os risos protagonizaram os instantes brincantes de um dia quente.

Tecidos, livros, desenhos, instrumentos alternativos⁶², imagens, cordas, cantigas de roda e movimento, compõem algumas das propostas de experimentar a capoeira e valorizar seu aspecto lúdico, expressivo e espontâneo que o brincar oportuniza.

*1,2,3,4 capoeira é um barato
4,3,2,1 pode entrar qualquer um.*

Singularidades pulsantes, atentas e abertas – a roda de capoeira como espaço de criação, potencializando as relações com a arte, com o (s) outro (s). Corpos protagonistas tecendo caminhos. Construindo conjuntamente. Ainda, “Gerindo sua lógica pessoal e a dimensão social do seu empenho. Formar-se e transformar-se como pessoa, formar-se e transformar-se como profissional e/ou como ator sociocultural”. (JOSSO, 2004, p. 240).

No mesmo mês, setembro de 2017, nos encontramos para o 2º dia de curso. Os (as) professores (as) foram recebidos com uma “roda de objetos”. Instalei no meio da sala um tecido com uma diversidade de objetos que retratam a capoeira – livros, fotos, instrumentos, brinquedos e outros. Nossa conversa começa por ali.

Objetos disparadores de questões históricas e pedagógicas. Um saber circulando nas mãos e comentários dos (as) professores (as).

Seguimos para o espaço externo do parque para realizar as atividades de movimento. Corpo-brincante resgatado pelas cantigas de roda e o tanger do berimbau.

*O pião entrou na roda
O pião entrou na roda
Roda pião
Bambeia pião.*

Roda pião. Rodopiamos. Gira mundo – roda viva. Corpo-expressão.

No decorrer dos encontros, propus atividades de capoeira que abrissem espaço para experimentação e investigação – uma formação movente tecendo outras percepções. Saberes que passam pelo corpo, ativando processos, pensamentos, problematizando a prática docente com a capoeira na escola.

⁶² Chamamos de instrumentos alternativos aqueles produzidos com materiais recicláveis.

Aliando-me a Cíntia Silva, em seus estudos sobre corpo e pensamento, destaco: “[...] o pensamento não é apenas encarnado ou presente num corpo, mas o que provoca ou deflagra o pensamento é o corpo e o que se pensa são as próprias potências do corpo”. (SILVA, 2013, p.188). Corpos potentes que ensaiam gestos, expressões, movimentos. Experimentam modos de agir, sentir, pensar, brincar.

Kasper (2009, p. 207) elucida sobre um “corpo preparado para ‘pensar em movimento’, criado na experimentação, exposto, disponível para o jogo”, neste caso do curso formativo, o jogo da capoeira.

De algum modo, esses corpos são produzidos no decorrer dos nossos encontros, à medida que se dá abertura para um “[...] corpo sensível aos efeitos dos encontros dos corpos e suas reações [...]”. (ROLNIK, 2016. p. 31).

O berimbau e sua magia impulsionando esses efeitos, aproximações, contágios. O berimbau é porta-voz.

Em nosso 3º Encontro, estava em pauta trazer possibilidades de experimentar a capoeira com materiais de apoio como bambolês, cordas, E.V.A's⁶³ - materiais que ampliam, desafiam e encantam os (as) estudantes – e professores (as).

O riso protagonizou os instantes de experimentação no decorrer deste encontro. Desalinhou corpos brincantes, (re) criou maneiras de jogar capoeira. A técnica do movimento não importava mais, e sim a entrega ao estado de abertura que envolvia esse processo.

O brincar de capoeira passa a fazer sentido na escola. Os (as) professores (as) sentiam-se desafiados (as) a enfrentar suas limitações e anseios, compondo com o corpo maneiras de ensinar-aprender, despertar sensibilidades, e recontar seus momentos com os (as) estudantes.

O 4º e último Encontro deste curso formativo, por pouco acontece sem minha presença. Ocorreu que dois dias antes eu havia sofrido uma grave hemorragia, e precisava repousar. Foram os piores dias da minha vida. Esvaia-me em sangue, e tive medo da morte. Na minha percepção, as médicas que me atenderam nesse período agiram com frieza, e trataram como mais um caso corriqueiro. Consegui, medicada e menos aflita, estar junto no último dia de curso.

A acolhida de todos (as) os (as) participantes me tocou. Os abraços foram mais longos, os olhares de cumplicidade e carinho, os gestos de cuidado. Passei a maior parte do tempo sentada. Neste dia, tínhamos uma convidada especial para

⁶³ Espuma vinílica acetinada que possibilita diversas criações de materiais decorativos e pedagógicos.

realizar uma fala sobre direitos humanos. Ela abriu o encontro, colocando na roda as questões que permeiam esta temática, problematizando e nos convocando o tempo todo a construir em conjunto aquela conversa. A palestrante exerce uma escuta muito especial e sensível. “Perceber é uma ação sensível que se dá no corpo, que configura concreta e fisicamente seus gestos, seu olhar, seu perfil”. (FARINA, 2007, p. 776).

Meu momento de fala neste encontro foi breve. Apresentei aos professores (as) jogos de tabuleiro, entre outros, com a temática da capoeira, como possibilidades de brincadeiras em dias de chuva, quando o espaço de prática limita-se à sala de aula⁶⁴. Dentre os materiais que apresentei, jogos confeccionados pelos (as) próprios estudantes (dominó, jogo da memória, jogos matemáticos), e jogos comprados prontos (UNO, quebra-cabeça, dominó, jogo de cartas, entre outros).

Neste momento, sentamos no chão, e entre dados, peças, cartas, figuras, dispomo-nos a jogar, rir, brincar...

Este encontro abre espaço para a autoria e produção dos (as) professores (as) que tinham como tarefa à distância⁶⁵ apresentar um instrumento musical da capoeira confeccionado por eles (elas), utilizando materiais alternativos, bem como elaborar um plano de aula, partindo do repertório de atividades e brincadeiras vivenciados no curso, os quais serão analisados e selecionados pela organizadora dos cursos formativos para a Educação Integral, para compor um Caderno Pedagógico⁶⁶ produzidos em parceria com diversos autores (as)-professores (as).

Destaco que as experiências e produções de atividades com a capoeira na escola extrapolaram os quatro dias de encontro que promovemos. A organizadora responsável, a qual me convidou para ministrar o curso, criou um grupo via *Whatsapp*, a fim de compartilhar as fotos e vídeos produzidos nos encontros. Foi nesse espaço de interação que pudemos trocar mais informações e as produções que reverberaram no chão da escola, pois muitas professoras compartilharam as atividades propostas com os (as) estudantes de suas unidades de trabalho, (re) criando as maneiras de experimentar a capoeira.

⁶⁴ Refiro-me à sala de aula organizada com as carteiras e armários que dificultam a prática física e atividades que envolvem propostas de correr, pular, saltar etc.

⁶⁵ É de praxe os cursos formativos organizados pela PMC dividirem as horas em encontros presenciais e tarefas à distância.

⁶⁶ Caderno Pedagógico está em processo de produção, envolvendo muitas vozes e práticas de professores (as) atuantes na Prática do Movimento na Educação Integral. Este material será disponibilizado via *online* no portal da Prefeitura de Curitiba para os (as) profissionais da rede e demais interessados (as).

Nesses encontros de curso formativo, dentre tantas outras reflexões e inquietudes, questionamo-nos: Qual é o papel do (a) professor (a)? E a resposta que ocorre: “Fazer com que a pluralidade seja possível”. (LARROSA, 2007, p. 155).

DIÁLOGOS – CAPOEIRA E EDUCAÇÃO

Durante séculos, no Brasil, a capoeira passou por muitas transformações — de luta marginal à proposta educacional — provocando (re) significações. Hoje ela apresenta uma pluralidade de perspectivas e abordagens, praticadas e pesquisadas por capoeiristas e estudiosos (as) do tema.

Definir a capoeira requer um cuidado no que tange ao seu contexto. Por ser múltipla, a capoeira ganhou vários espaços sociais e diferentes formas de compreendê-la.

Dentre os espaços em que a capoeira foi, gradativamente, inserindo-se, as instituições de ensino, escolas e universidades, apresento a seguir alguns desdobramentos dos aspectos da dimensão educativa e sua trajetória histórica.

Segundo o que a literatura apresenta, a capoeira ganhou espaço nas instituições de ensino, compondo o currículo de Educação Física em algumas universidades brasileiras na década de 1970. Assim como Hélio Campos elucida:

As primeiras manifestações a favor da capoeira no currículo dos cursos universitários aconteceu na Bahia. Inicialmente, foi inserida no programa curricular do PREMEX (Programa de Melhoria de Ensino Nacional), desenvolvido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia em 1971. (CAMPOS, 2001, p. 93).

A prática de diversos universitários na academia de capoeira de Mestre Bimba⁶⁷, na Bahia, favoreceu o diálogo entre capoeira e Educação. No estado do Rio de Janeiro, segundo Campos (2001), foram encontradas experiências com capoeira em faculdades e/ou universidades, também na década de 1970. O

⁶⁷ Mestre Bimba, como é conhecido na capoeira, foi o primeiro Mestre a criar um sistema de ensino na capoeira na década de 1930, e foi também o precursor do ensino da capoeira em academia na Bahia. “Em 1928, criou a Capoeira Regional, também chamada por ele de ‘Luta Regional Baiana’. Na verdade, a Capoeira Regional foi desenvolvida através de um rico processo de (re) elaboração cultural, que entrelaçava a Capoeira tradicional, a de Angola, com o Batuque, samba-luta afro-baiano, preservando, inclusive, elementos culturais desta última manifestação, hoje praticamente extinta como atividade diferenciada”. (CAMPOS, 2001, p. 103).

processo de aproximação da capoeira em universidades de outros estados, como São Paulo e Rio Grande do Sul acontece nos anos posteriores.

O cunho científico e pedagógico da capoeira vai se desdobrando a medida em que ela se dissemina nas instituições de ensino. Campos (2001, p. 18) destaca:

O que nos chama a atenção é como a Capoeira, uma atividade considerada marginal, ganha notoriedade acadêmica em tão pouco tempo, principalmente nas últimas duas décadas, conquistando a educação formal brasileira em todos os seus níveis, inclusive o terceiro grau.

De luta marginal à proposta educacional, do engenho à universidade, são alguns dos contrapontos que motivaram diversos estudos sobre a capoeira e sua relação com a Educação.

A inserção da capoeira na universidade, dentro do currículo de Educação Física⁶⁸, abriu portas para a inserção da capoeira na escola. Foi nessa inserção, com destaque nos anos 1990, que a capoeira iniciou seu processo de transformação pedagógica e educativa.

O processo de escolarização da capoeira, que, segundo José Luiz Falcão (1996), se deu por conta do reconhecimento desta como modalidade desportiva, integrou, e ainda hoje é uma prática educativa dentro do currículo de Educação Física.

Uma pesquisa realizada no município de Curitiba, no ano de 2010, sob o título “Curitiba entra na roda: presença (s) e memórias (s) da capoeira na capital paranaense” (PORTO, 2010), apresenta um mapeamento dos lugares onde a prática se desenvolve neste município, em sua grande maioria no espaço escolar. Embora este não seja o foco destes pesquisadores (as), o número expressivo da capoeira na escola é relevante para refletir e problematizar como as instituições escolares acolhem esta prática, quem são os docentes e quais as propostas desta manifestação cultural dialogam com uma proposta educacional.

A capoeira, no contexto educativo, passou por transformações e promoveu ressignificações. Assim como ressalta Falcão (1996, p. 13), “[...] no contexto escolar, a capoeira como instituição cultural pode estar sendo recodificada, e foi dentro desta perspectiva que esta manifestação foi investigada”. Sendo assim, a capoeira no currículo não pode ser reduzida a um conteúdo genérico e simplificado, e sua

⁶⁸ Importante destacar que atualmente são ofertados cursos de Pós-graduação em Metodologia do Ensino da Capoeira, em algumas universidades brasileiras como a Universidade Gama Filho, com unidades em vários estados do Brasil, Universidade FERA, localizada em Alagoas, e UNIABEU, no estado do Rio de Janeiro.

proposta pedagógica pode encaminhar uma efetiva atuação dos sujeitos, e ainda, respeitar suas individualidades e valorizar seu processo criativo, potencializando suas mais diversas formas de expressão.

Caroline Ponso e Maíra Araújo propõem uma reflexão sobre as questões relacionadas às ações pedagógicas no contexto escolar, destacando que:

É a capoeira que se propõe à imersão em um espaço diferente daquele que a fez nascer, e por vezes até contrário em posturas e ações. Essa disponibilidade da capoeira e do capoeirista é repleta de compromisso social e consciência com relação à necessidade de estar em um lugar diferente na tentativa de transformá-lo, levando a ele a reflexão no intuito de repensar a cultura popular brasileira, seu significado e a urgência de sua presença na instituição de ensino formal. (PONSO; ARAÚJO, 2014, p. 58).

Assim como defende Francisco Filho (2005), a capoeira concebida como arte amplia possibilidades pedagógicas, instiga novos olhares e potencializa a interdisciplinaridade. Nessa premissa, Ponso e Araújo (2014, p. 64) reiteram:

Para a capoeira estar na escola e ser considerada um conteúdo curricular, imaginamos parcerias de trabalho para que ela ocupe outros espaços de ação pedagógica. Por exemplo, nas aulas de música as vivências são multiplicadas em atividades de ritmo e canto. Nas aulas de artes plásticas os alunos desenham, pintam, e recriam cenas de jogo, os símbolos, os instrumentos musicais e as histórias ouvidas.

Pensando a capoeira como potência formativa, ela se reafirma em seu espaço educativo, propondo ações transformadoras, cujos princípios pedagógicos valorizam processos de produção de conhecimento e possibilitam experiências que envolvem criar e (re) significar aprendizagens, seja para uma roda de capoeira ou para a vida. Pensando a relação experiência-vida, Larrosa (2016, p. 74) diz:

A vida, como a experiência, é relação: com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, com nós mesmos, com o que se diz e o que se pensa, com o que dizemos e o que pensamos, com o que somos e o que fazemos, com o que já estamos deixando de ser.

Experiências que nos mobilizam, arrastam, tombam, subvertem, contagiam, transformam, deslocam, engendram poéticas, políticas: abrem mundos.

NÃO VENHO SÓ - PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM LIVRO ILUSTRADO SOBRE A HISTÓRIA DA CAPOEIRA PRODUZIDO COM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Capoeira não é mera disciplina esportiva, e sim uma arte mandingueira do corpo – em suma, um jogo em que passado, presente e futuro podem pôr-se juntos num movimento ou num repente. Uma cultura, portanto.

(Muniz Sodré)

Em maio de 2017, fui convidada pela diretora da escola em que atuo para assumir as aulas de Prática do Movimento, na Unidade de Educação Integral (UEI), no segundo semestre. Aceitei prontamente.

Agosto de 2017. As férias se findaram. Ah, elas tiveram outro gosto para mim! É certo que retornei à Unidade com um vigor e entrega diferentes, pois a partir daquele instante eu seria a professora de capoeira naquele espaço.

Minha proposta de trabalho implica-se no movimento do corpo, na música e na literatura para compor a oficina de capoeira nas manhãs dos (as) estudantes do Ensino Fundamental I. São quatro turmas atendidas, com 20 estudantes cada, com idades entre seis e dez anos.

Planejar as atividades inclui experimentar a capoeira nas suas mais diversas linguagens e desdobrar com os (as) estudantes as suas mais variadas facetas: luta, arte, dança, esporte, folclore e manifestação cultural⁶⁹, o que permite pensar o ensino da capoeira ainda mais dinâmico, trazendo para as atividades uma variedade de possibilidades de experimentação.

As aulas, para cada turma, dividiam-se em dois momentos: aula de movimento e aula de literatura, portanto, esta oficina possibilitou um acesso mais aprofundado à história da capoeira, com diferentes materiais para compor e construir um conhecimento junto aos (as) estudantes.

⁶⁹ A capoeira é reconhecida e valorizada, tornando-se Patrimônio Cultural do Brasil, em 2008, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), inscrita no livro de registros sob as Formas de Expressão e dos Saberes. Este registro e sua salvaguarda abarcam a Roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres. Mais tarde, extrapolando as fronteiras nacionais, a capoeira é reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Imaterial da Humanidade, no ano de 2014. (DOSSIÊ IPHAN 12, 2014).

Como o espaço reservado para as aulas de movimento era o pátio, em dia de chuva ou muito frio, ficávamos impossibilitados de realizar as atividades ao ar livre, e desenvolvíamos outras propostas dentro da sala referência⁷⁰. Espaço pequeno, mobílias grandes. Às vezes era possível sentar no chão e fazer uma roda de conversa, roda de leitura e roda dos instrumentos musicais. Mais que movimentar mobílias, era movimentar corpos e ideias. Vai ter roda, sim, *sinhô*!

Durante este percurso, as atividades com a capoeira foram instigando ideias nos (as) estudantes e na professora, até que surge um desejo em construir com eles um livro ilustrado apresentando a História da Capoeira através das singularidades das crianças - com suas narrativas e desenhos.

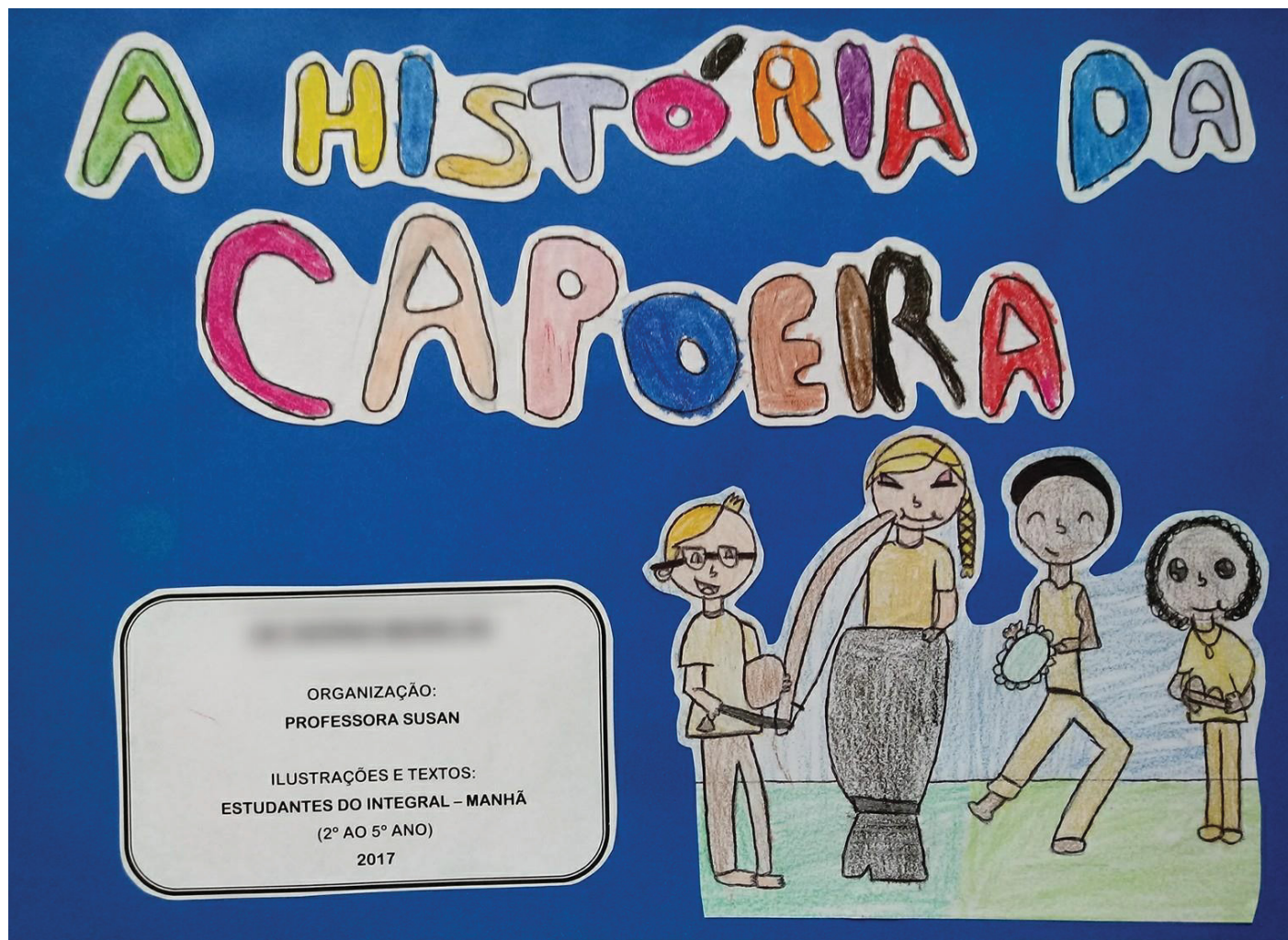
Durante um mês e meio, livros, vídeos e imagens relacionados à história da capoeira e ao povo africano e afro-brasileiro foram levados para as aulas para (re) contar e problematizar com os (as) estudantes as mais diversas questões que envolvem essas histórias.

Na maioria das propostas eles (as) faziam suas ilustrações, todas inspiradas no material disposto, bem como no seu modo de olhar o mundo, as quais fizeram parte de algumas exposições no mural da UEI e da escola⁷¹. Dentre as diversas produções dos desenhos feitos pelos (as) estudantes, de todas as turmas participantes dessa oficina, chegamos à escolha da ilustração que iria compor a capa do livro.

⁷⁰ As turmas que compõem a organização da UEI nesta Unidade dispõem de uma sala referência, porém, há um rodízio com as demais salas, de acordo com a prática e oficina do dia.

⁷¹ A UEI localiza-se num espaço físico separado das demais salas e pátios que compõe o Ensino Regular desta escola. Embora seja a mesma unidade de ensino, os (as) profissionais que ali atuam referem aos espaços desta forma: UEI e Escola.

Fotografia 24 - Livro - capa



Fonte: Acervo pessoal da autora.

O processo de produção do livro foi iniciado em setembro de 2017, mas interrompido em outubro do mesmo ano devido ao meu afastamento para tratamento de saúde.

Retornei à UEI mais uma vez naquele ano, depois do afastamento, para buscar meus materiais e levar atestados. O acolhimento dos (as) colegas foi importantíssimo.

A escola, e todos os afetos, andavam comigo! São parte de mim, do que sou e venho sendo, dos devires. A professora, capoeirista, mestrandia, fotógrafa, mulher, mãe, esposa, filha, irmã e amiga perambulam numa busca comum, numa força comum, num desejo imensurável de cura em estado de vida!

O que me move? Estados inéditos de conexão com o pensamento, e “[...] a capacidade de se deixar violentar pelas marcas”. (ROLNIK, 1993, p. 5), e ir tecendo

outras composições, tornando-me outra. “São as marcas que escrevem”, afirma Rolnik (ibid., p. 9). Silencieiei, chorei, aguerri, encarei, segui me escorando num estado frágil que o corpo fica submetido nessa situação de tratamento e procedimentos médicos. Mas o desejo pulsa forte!

Para minha surpresa, seis meses depois, o processo do ano anterior repetiria-se no segundo semestre de 2018. Fui convidada a compor o quadro docente da UEI, no eixo Práticas do Movimento.

Estava a caminho de casa. Alegria pulsando e impulsionando planos para o semestre seguinte. A capoeira é meu lugar de querer estar!

Fotografia 25 - Livro p. 01



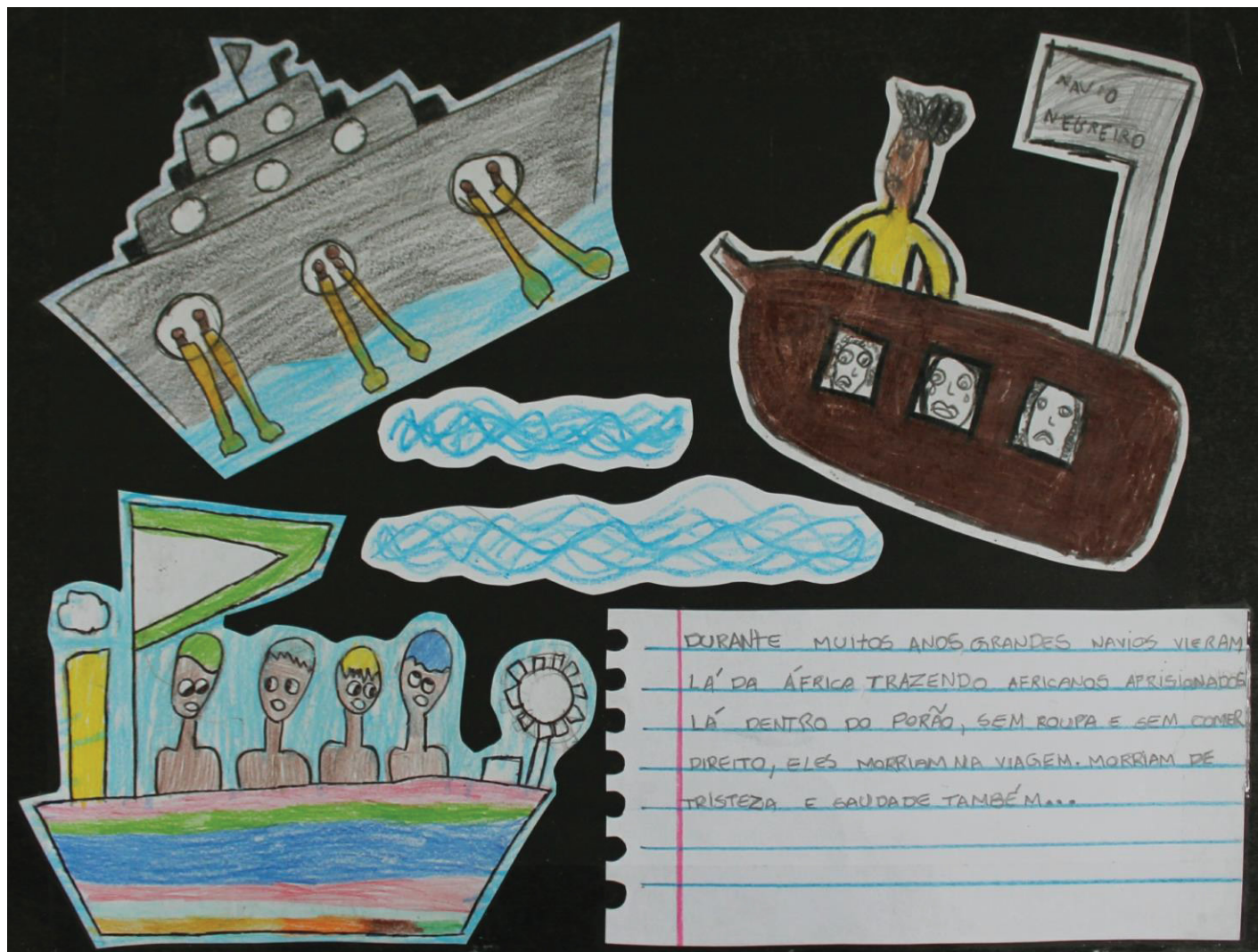
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Enfim, chega o dia de (re) apresentar-me aos estudantes, como professora do Movimento, com a oficina de capoeira. A maioria dos (as) estudantes matriculados

já estava na unidade em 2017, e logo me reconheceram. Sorriam olhares, reciprocamente.

Conversei com as turmas durante aquela primeira semana, retomando como seriam organizadas as nossas aulas. O número de estudantes mantinha-se o mesmo do ano anterior, 20 por turma, bem com a organização dos horários e propostas das oficinas de Movimento e Literatura.

Fotografia 26 - Livro p. 02



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Nas primeiras aulas, relembrei os (as) estudantes sobre a produção do livro ilustrado sobre a história da capoeira, iniciado no ano anterior, e propus retomar essa construção.

Fotografia 27 - Livro p. 03



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Imediatamente, a autora do desenho da capa levantou a mão e disse: “*Eu lembro profe, meu desenho foi o escolhido para a capa*”. Sorri para ela e acenei afirmativamente com a cabeça. A turma comentava sobre os desenhos que haviam produzido e perguntaram se eu havia colocado no livro.

A ideia de retomar a construção do livro passava por tudo que já havia sido produzido, e partir para a continuidade desta produção.

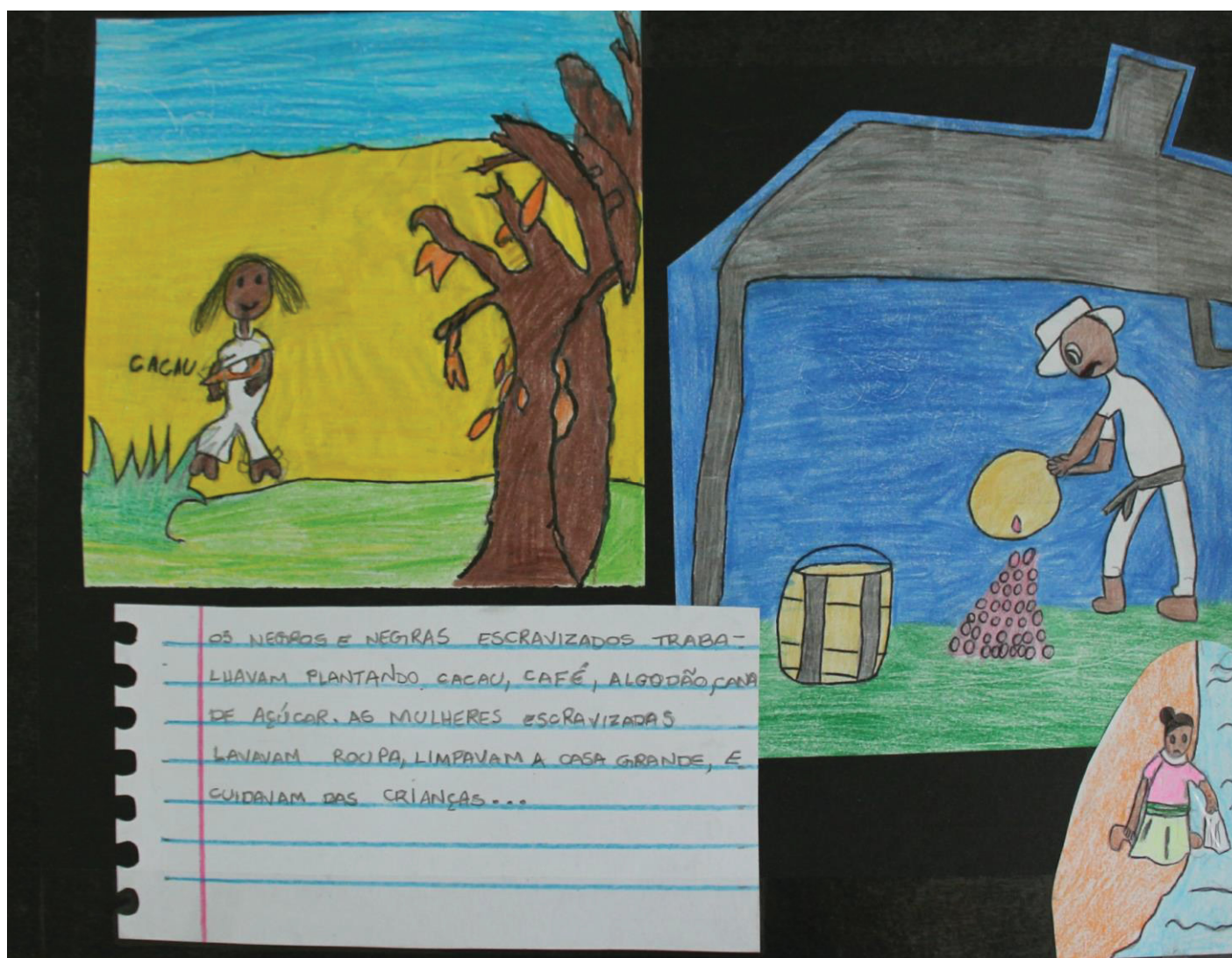
Durante as aulas de literatura, relemos obras já vistas, bem como livros, vídeos e imagens que os (as) estudantes desconheciam. Eu via paisagens vadiando em seus olhos, assim como diria o poeta Manoel de Barros.

No decorrer dessa produção, tivemos vários momentos de reflexão sobre a história da capoeira, discutindo, questionando, reelaborando, e, para isso, utilizamos

diferentes materiais como livros de literatura, fotografias, gravuras, vídeos e cantigas de capoeira, as quais repertoriaram os (as) estudantes para produzir um material autoral.

Conhecimentos e experiências que passam pelos corpos, os (as) estudantes retomam a história da capoeira por meio de movimentos, encenações teatrais e brincadeiras propostas por mim, vivenciando personagens históricos, explorando e relacionando-se com outros corpos, espaços, cantigas e materiais diversificados⁷².

Fotografia 28 - Livro p. 04



Fonte: Acervo pessoal da autora.

— “Profe, quem inventou a capoeira? ”, indaga-me um estudante.

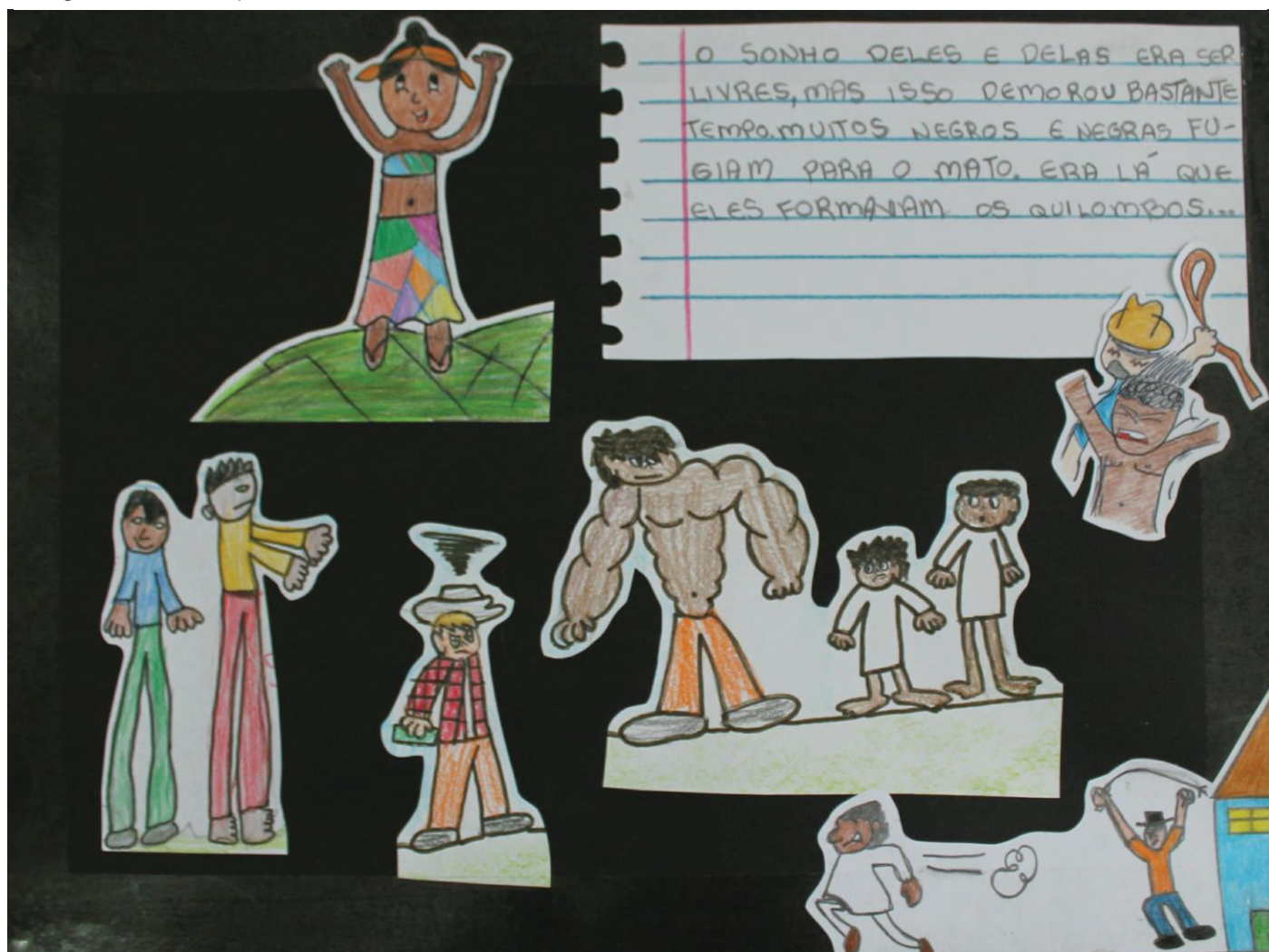
⁷² Tecidos, cordinhas pedagógicas, dobraduras de papel, fotografias, entre outros.

O contato com narrativas literárias, artísticas, imagéticas e lúdicas provocavam nos (as) estudantes diferentes interpretações. Concordando com Ponso e Araújo (2014, p. 121):

Tratar da capoeira é tarefa ampla na medida em que ela dialoga com vários aspectos sociais, políticos e educacionais. Ao proporcionar uma complexa roda de saberes, a capoeira permite que cada indivíduo ressignifique situações de conflito e crescimento.

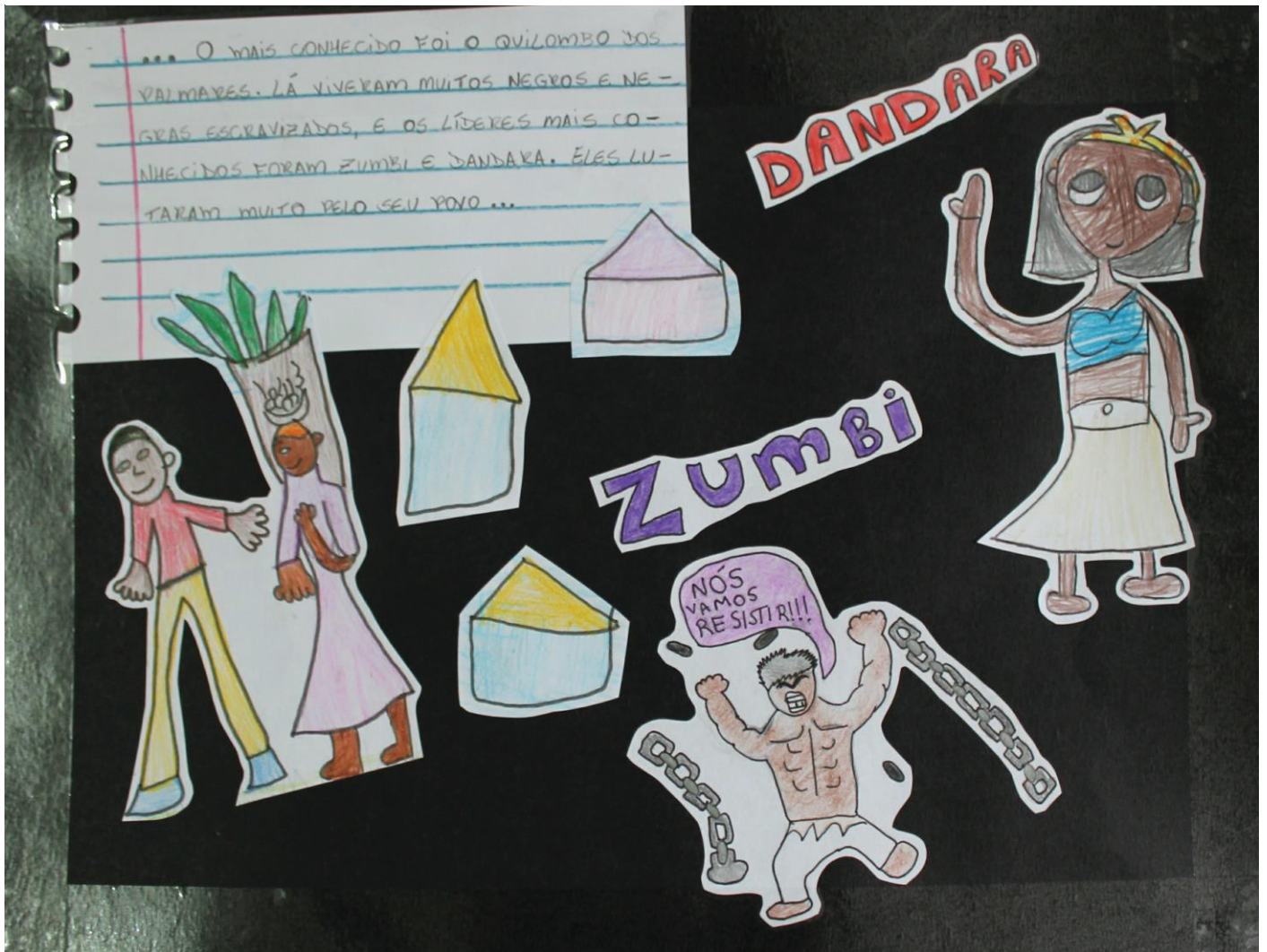
Sendo assim, cada aula disparava inquietações nos (as) estudantes acerca das questões cotidianas, como: modos de vida dos (as) negros (as) escravizados (as), gênero na roda de capoeira, contexto político, o ensino da capoeira em diferentes espaços etc.

Fotografia 29 - Livro p. 05



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Fotografia 30 - Livro p. 06



Fonte: Acervo pessoal da autora.

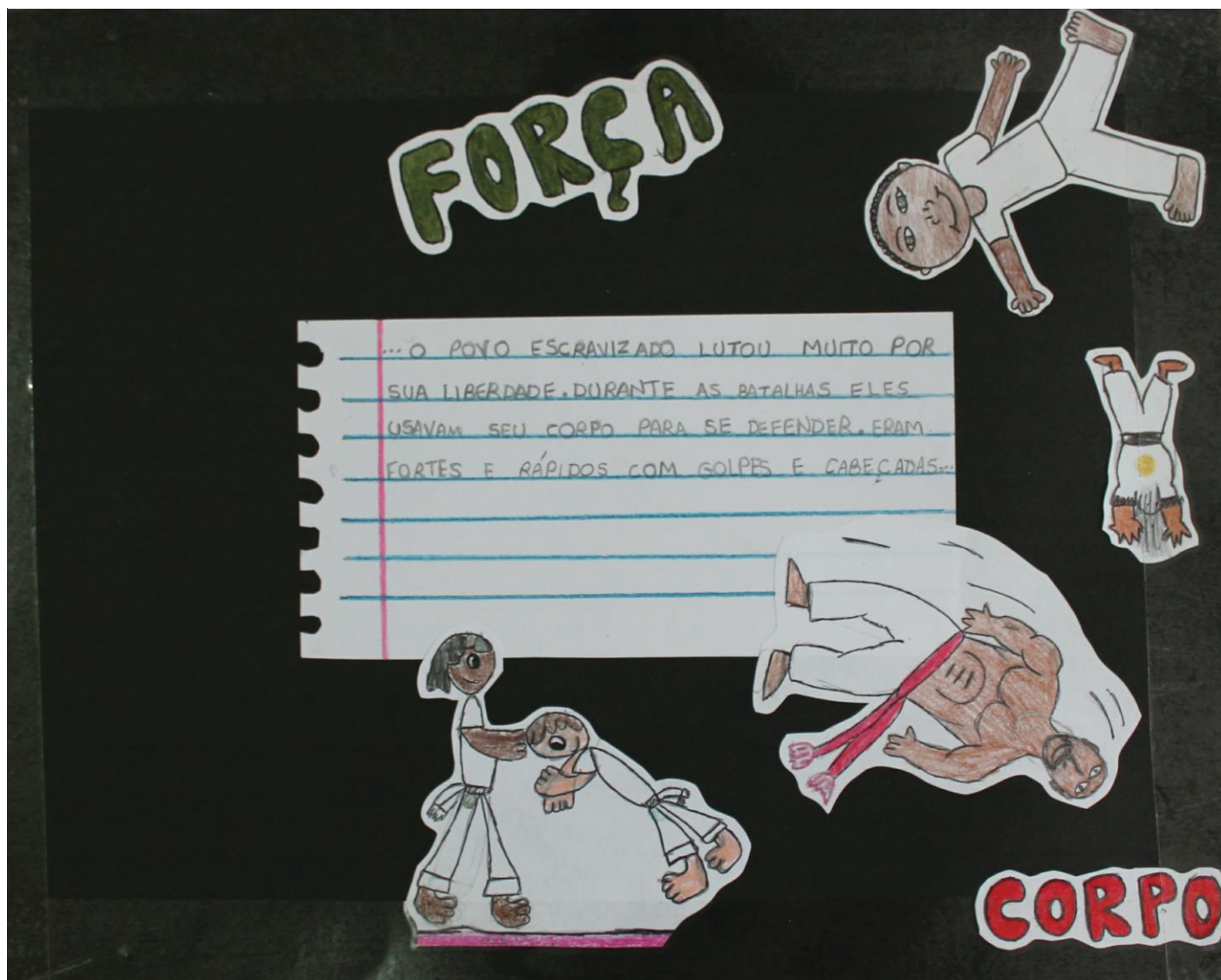
Longe de abarcar toda a vasta trajetória histórica que perpassa a incerta origem da capoeira⁷³, minha proposta era trazer diferentes contextos histórico-sociais para refletir com os (as) estudantes, e pensar com Larrosa (20016b, p. 8) uma pedagogia para “[...] recolocar as perguntas, reencontrar as dúvidas e mobilizar as inquietudes”.

A produção desse livro, envolvendo todo o processo de elaboração, me colocou numa escuta atenta. Fui observando e anotando as falas dos (as) estudantes no intuito de buscar materiais para dialogar nessa roda e compor nossa produção. Os traços singulares das ilustrações geravam conversas entre eles (as) e geravam questionamentos:

⁷³ “As origens da capoeira remetem basicamente a três mitos fundadores: a capoeira nasceu na África Central e foi trazida intacta por africanos escravizados; a capoeira é criação de escravos quilombolas no Brasil, a capoeira é criação dos índios (...)”. (IPHAN, 2014, p. 19).

- Você desenhou os negros sorrindo, mas eles não estavam felizes.
- Nossa, que braço forte!
- Professora, os pretos usavam roupas?
- Não pode falar preto, tem que falar negro.
- Eles criaram a capoeira para brigar!
- Você pintou o escravo com lápis cor de pele?⁷⁴

Fotografia 31 - Livro p. 07



Fonte: Acervo pessoal da autora.

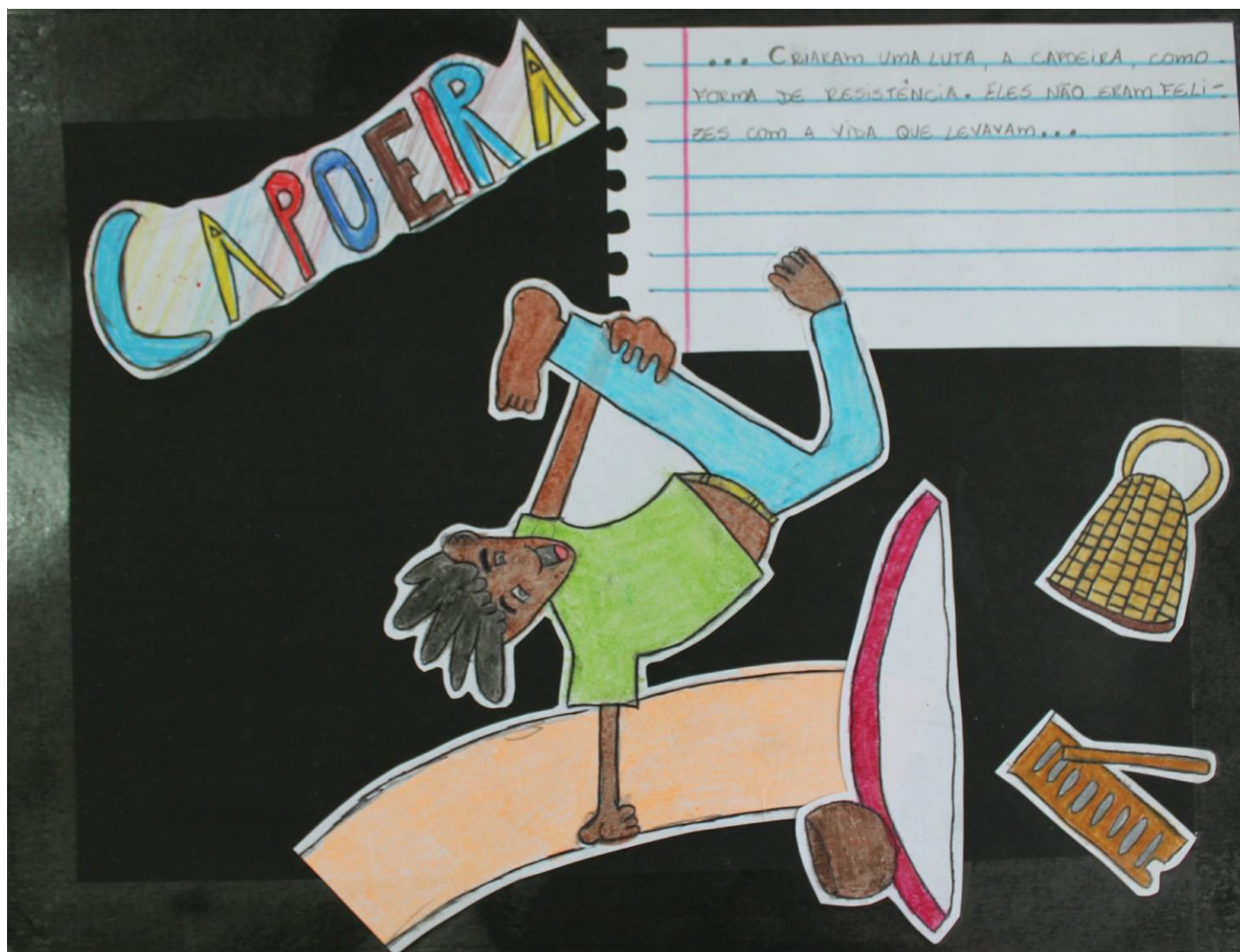
⁷⁴ Os (as) estudantes referem-se ao “lápis cor de pele”, aquele que tem a cor rosa claro, ou salmão. Essa fala, já incorporada na escola há muitos anos, vem sendo problematizada por alguns professores (as), e no decorrer das minhas aulas, este assunto é pauta importante para discussão coletiva.

De que modo eu professora-pesquisadora, intervenho nessas falas? Quando entrar e sair de cena nos diálogos entrecruzados que se desencadeiam nessa roda de saberes? Interações evocando raízes históricas, me convocando a jogar junto.

Desdobramos estas e outras questões, com protagonismos mútuos, estudantes e professora construindo em conjunto esse enredo.

Experimentar esta construção partilhada do saber e o fazer pesquisa com as crianças “[...] nos sensibilizou, pois implicou o estabelecimento de relações, nossos corpos implicados, produção, invenção”. (ZANFELICE; KASPER, 2010, p. 4)⁷⁵.

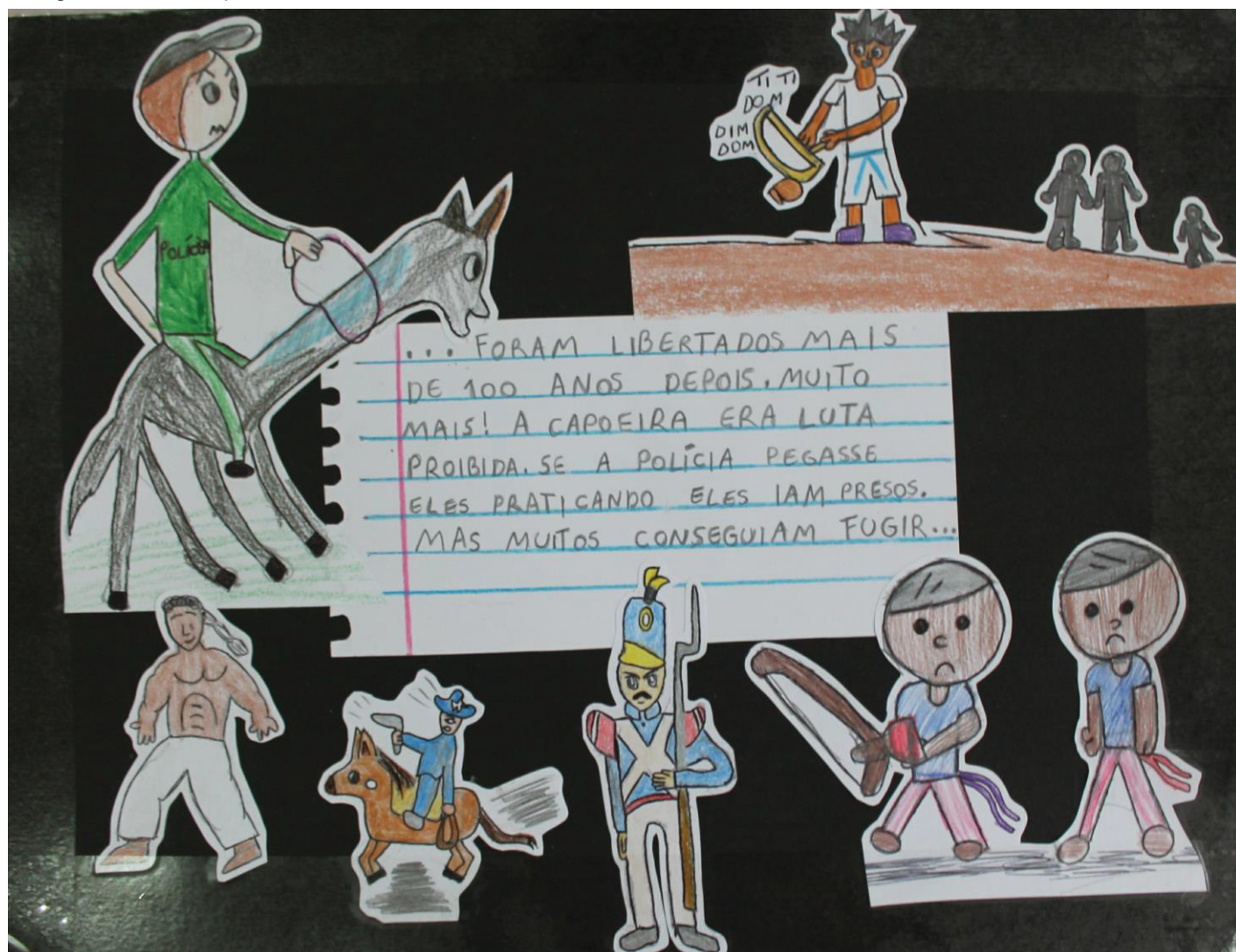
Fotografia 32 - Livro p. 08



Fonte: Acervo pessoal da autora.

⁷⁵ Autoras do artigo que desdobra sobre o pesquisar com as crianças, e o contagiar-se com elas.

Fotografia 33 - Livro p. 09



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Sem esquivar-me do contágio da atmosfera lúdica e da linguagem singular da infância, desdobro-me num devir-criança, habito seus sentidos e significados. Elas reclamam proximidades, e quando vejo, meu corpo se põe a brincar.

Camila Zanfelize e Kátia Kasper me inspiram a “[...] pensar em brincar como agenciamentos, encontros, produção de vida. Modos de existência que se constituem no brincar”. (ZANFELICE; KASPER, 2010, p. 6).

O espaço de construção desse livro se espalha para além do papel, textos e desenhos – ele vai se tecendo nos diálogos, nas brincadeiras, na parede que escora um corpo plantando *bananeira*⁷⁶, envergando-se na ponte, ensaiando um *beija-flor*⁷⁷.

⁷⁶ Movimento comum na capoeira, onde o corpo fica de cabeça para baixo, também conhecido como *parada de mão*.

⁷⁷ Movimento de capoeira.

Tocar os instrumentos, compor a roda, dar voz aos cantadores (as)⁷⁸ também constroem esta narrativa, inspiram produções, aguçam curiosidades. O reco-reco⁷⁹ de bambu com a extremidade quebrada também veio narrar seus ritmos nesse livro.

Fotografia 34 - Livro p. 10



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Linguagem, corpo, capoeira anunciando ideias, sentimentos e movimentos como dispositivos para expressar a vida, constituí-la. Arte e vida se tornam híbridas.

*Passava os dias ali, quieta,
no meio das coisas miúdas. E me encantei.*

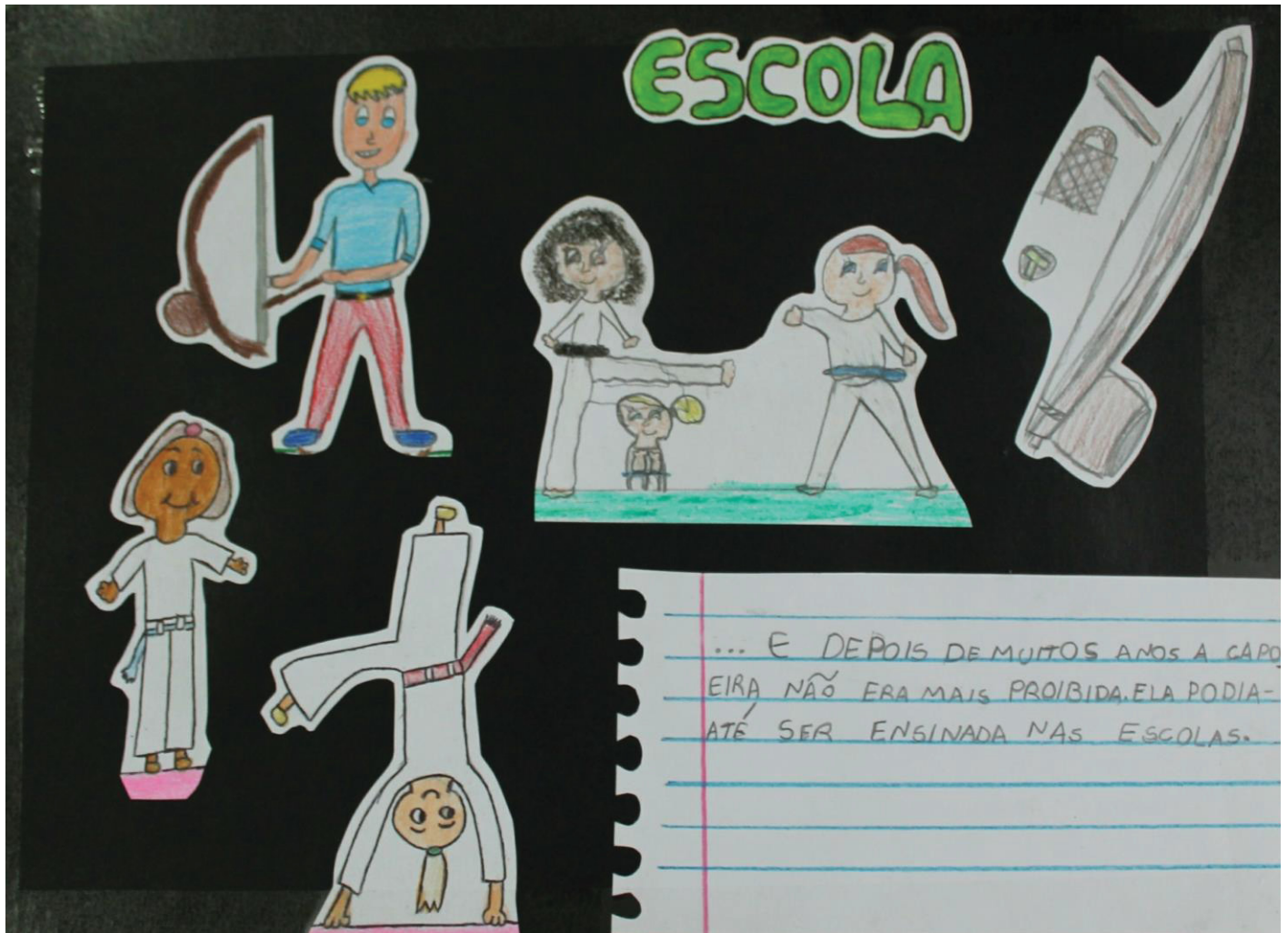
(Manoel de Barros)

⁷⁸ É assim que se referem aos puxadores (as) de cantigas na roda de capoeira.

⁷⁹ Instrumento de percussão que traduz um som de rapa, causado pelo atrito de duas partes separadas. No seu feitiço talvez mais característico, o reco-reco consiste num gomo de bambu com talhos transversais, friccionados com um pauzinho (CASCUDO, 1971, *apud* LIMA, 2007, p. 174).

complexa configuração das formas de funcionamento do subjetivo, que se constitui nas interferências recíprocas e agenciamentos [...].

Fotografia 36 - Livro p. 12



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Durante esse processo, foi possível observar as singularidades dos (as) estudantes, que cultivaram junto comigo, mais aberturas, partilhas pulsantes, afetos. Aqui, “[...] alteridade em sua condição de campo de forças vivas que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações”. (ROLNIK, 2016, p. 12). O outro é uma presença, faz o corpo vibrar.

O que se deu nesse trajeto de produção do livro foi muito mais que um material para compor o acervo acerca da temática da capoeira, tampouco impor uma verdade para que os (as) estudantes se apropriassem, mas cultivar vontades, desejos de (re) criar. Formar uma “roda” que coloca em jogo outras maneiras de ler o mundo, sentir-se parte dele.

DESASSOSSEGO

Em cada um de nós há como que uma ascese, em parte dirigida contra nós mesmos. Nós somos desertos, mas povoados de tribos, de faunas e floras. Passamos nosso tempo a arrumar essas tribos, a dispô-las de outro modo, a eliminar algumas delas, a fazer prosperar outras.

(Gilles Deleuze e Claire Parnet, 1998, p. 10).

Isso que me passa.

Abertura atenta do corpo, a (trans) formação da pesquisadora se faz no acompanhar ações e ecos produzidos nesta pesquisa. Cartografias afetivas inscrevendo-se no corpo, formando e produzindo modos de existir.

Voltas ao mundo. Devir-capoeirista. Afinando a *biriba*⁸⁰. Ritmando passos. Habitando *cantos*. Devir-pesquisadora. Tecendo a escrita. Mapeando encontros. Afinando a escuta. Devir-professora. Rabiscando. Cultivando dúvidas. Caminhando com. Devir-mulher. (Re) formulando manifestos interiores. Vermelho-sangue. Dias de bobeira. Lugares de passagem e permanência. Veias frágeis. Rotina hospitalar. Lágrimas incontidas. Gratidão. Risos engasgados. Papéis. Antídotos. Descompassos. Pulsação. Tempo. Piruetas. Prumo. *Pisando o chão com outra manha*. Negociar instantes na roda-vida, compor com a capoeira.

O que me move?

Desejo.

O que me afeta?

Encontros.

O que me inspira?

Processos criativos.

⁸⁰ Tipo de madeira. Uma das mais usadas para confeccionar o berimbau.

A magia na qual sou versado e também me esparramei nas artes.
(Manoel de Barros)

A roda de capoeira torna-se potente na produção de devires. Vibramos em outra frequência, produzimos mundos e nos inscrevemos nele. Nesse processo, provoca-se um pensar e agir diferentes. Corpo-atitude.

Capoeira é uma arte que fala da minha existência... e tantas outras que se produzem nas “paisagens melódicas”. Linhas de vida desenhadas pelos “personagens rítmicos”. Corpo não instrumentalizado, mas encarnado de desejos, pulsações. Ir ao encontro às intensidades. Movimento é estado da língua.

Borrar fronteiras – constituir-se num desdobrar da relação entre a escrita e a experiência. Uma escrita de si descobrindo-se como um processo formativo. Tecer um texto vital, adentrando memórias “[...] na medida em que são como que linhas do tempo que se abrem, estas múltiplas e imprevisíveis direções em que vai se produzindo a realidade”. (ROLNIK, 1993, p. 3).

As fotografias que produzi, e que compõem esta pesquisa, não fui eu quem as escolhi, elas me escolheram. Ginguei com elas, as imagens, como que num mover-me de novo e outra vez. (Re) criei modos de sentir, revelando muito do meu *capoeirar* por esse mundo.

Cartografias desenhadas foram marcadas por interrupções, espera, retomada, devires. Paisagens vistas de muitos ângulos, pulsações em várias frequências enunciando minhas intensidades. Soa arame, pinga soro, manda o corrido⁸¹, injeta ferro... meu corpo gingando com o destino, minhas emoções jogando com as subjetividades, habitando outros mundos.

Cartografias que marcam minhas inscrições no mundo, dentro e fora da roda, e, certamente, o que me escapa nesta vida em movimento. Cartografias desenhando a roda – vida. Subjetivações, potências, políticas, poéticas... Afetos!

⁸¹Cântico de capoeira que marca o instante em que o jogo pode ter andamento, quando o coro é fundamental, devendo entrar desde o início”. (ESTEVES, 2003, *apud* LIMA, 2007, p. 92).

Um poeta faz sim a palavra da terra. Este é o seu ofício, e o seu valor. Tanto quanto o meu é vadiar pela vida, meu senhor. O poeta inventa, invade, conquista novos territórios para a falagem da língua, que depois a gente ara, capina, aplaina, lixa, esquece no sol, serra, despena, usa. O povo é o marceneiro da língua. Eu só sei fazer poesia com as pernas, com o corpo. **CAPOEIRA.** Mas também sou parente do poeta. Somos irmãos na profissão de olhar o mundo. No fingir o olho e engendrar belezas nos desvãos do cais, na zona, no porto e além. No depois é que a gente diverge. Eu calo, ele escreve.

(Marco Carvalho)

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; ESCOSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virginia (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 131- 149.

ALVES, Flávio Soares. **O corpo em movimento na capoeira**. 185 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte, São Paulo, 2011.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: LeYa, 2013.

_____. **Memórias inventadas: a segunda infância**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

BARTHES, Roland. **A câmera clara: Nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira na universidade: uma trajetória de resistência**. Salvador: EDUFBA, 2001.

CARVALHO, Marco. **Feijoada no paraíso: a saga de Besouro, o capoeira**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor. Capoeira Angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 25, n. 2, p. 143-158, jan. 2004.

COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos I – Novos olhares na pesquisa em educação**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 3. 2ª Ed. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012a.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 4. 2ª Ed. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012b.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

EUGÊNIO, Fernanda; FIADEIRO, João. **O encontro é uma ferida**. Excerto da conferência – performance Secalharidade. 2012.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **A escolarização da capoeira**. Brasília: ASEFE / Royal Court, 1996.

FARINA, Cynthia. Arte, corpo e subjetividade. Experiência estética e pedagogia. ANPAP. **16º Encontro Nacional da Associação de Pesquisadores de Artes**

Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais. Florianópolis. 24 a 28 set. 2007, p. 770-780.

_____. Arte e Formação: uma cartografia da experiência estética atual. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008, Caxambu. **Anais...Caxambu**, 1998. p.1-16. Disponível em: < <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/ge01-4014--int.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação.** 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

GARCIA, Regina Leite (Org.). **O corpo que fala dentro e fora da escola.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo.** 12ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

IPHAN. **Roda de Capoeira e Ofício de Mestres de Capoeira.** Brasília, DF: Iphan, 2014.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** Tradução José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

KASPER, Kátia Maria. Educação? Formação? Subjetivação? - Reinventar-se na experimentação, ou de como se chega a ser o que se é contra o que se é, rindo de si mesmo. **Seminário do 16º Cole**, 2007, Campinas.

_____. **Experimentações Clownescas: os palhaços e a criação de possibilidades de vida.** 412 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

_____. Experimentar, devir, contagiar: o que pode um corpo? **Pro-Posições.** UNICAMP, Campinas, v. 20, n. 3, p. 199-214, set./dez. 2009.

_____. Dos corpos sentados aos gestos em fuga: estatutos dos corpos em processos de formação. **Revista da Faculdade de Educação** (Universidade do Estado de Mato Grosso), ano IX, n. 15, p. 79-98, 2011.

_____. Singularização, formação, ecosofia, biopotência: reinventando-se entre o palhaço e o outro. **Educação: Teoria e Prática.** Unesp, Rio Claro, v. 18, p. 103-116, 2008.

KAUTZMANN, Larissa Kovalski. **Poéticas do instante: fotografia, docência e educação infantil.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2011.

KREPSCHI, Gasperotto Amaranta. **Percursos entre ruas, escritas e modos de subjetivação.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n. 2, p. 4-27, jul./dez. 2011.

_____. **Tremores:** escritos sobre experiência. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016a.

_____. **Pedagogia Profana:** danças, piruetas e mascaradas. 5ª Ed. Tradução Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016b.

LIMA, Mano. **Dicionário de Capoeira.** 3ª Ed. ver. e amp. Brasília: Conhecimento Editora, 2007.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** a experiência da pesquisa e o plano comum (vol. 2). Porto Alegre: Sulina, 2014.

PLACEDINO, Fernando Campiol. **Capoeira Escolar:** a arte popular para uma educação ético-estética. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

PONSO, Caroline Cao; ARAÚJO, Maíra Lopes de. **Capoeira:** a circularidade do saber na escola. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PORTO, Liliana (Org.). **Curitiba entra na roda:** presença (s) e memória (s) da capoeira na capital paranaense. Curitiba: Edição do autor, 2010.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. 2ª Ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

_____. Palestra proferida no concurso para cargo de Professor Titular da PUC/SP, realizado em 23 jun. 1993. **Caderno de Subjetividade**, v. 1 n. 2, p. 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduated de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev.1993.

_____. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, Daniel S. (Org.) **Cultura e subjetividade:** Saberes nômades. Campinas, SP: Papirus, 1997, p. 1- 11.

_____. **Esferas da Insurreição:** notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 edições, 2018.

SILVA, Gladson de Oliveira. **Capoeira.** São Paulo: Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo, 1991.

SILVA, José Milton Ferreira da. **A linguagem do corpo na capoeira.** Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba:** corpo de mandinga. Rio de Janeiro: Manati, 2002.
SOUZA, João Carlos de. Narrativas do corpo e da gestualidade no jogo da capoeira. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 620-628, jul./set. 2010.

VIEIRA, Luiz Renato. **O jogo de capoeira: cultura popular no Brasil**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: SPRINT, 1998.

ZANFELICE, Camila Cilene; KASPER, Kátia Maria. Uma experiência de pesquisa com crianças: contágios, jogos e brincadeiras. **Revela – Periódico de divulgação científica da FALS**, ano IV, n. VII, p. 1-11, jan./abr. 2010.

ANEXO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) na pesquisa intitulada Capoeira e processos formativos: cartografias afetivas, da mestrandia Susan Alessandra de Sousa Ferreira, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino, da Universidade Federal do Paraná. Fui informado (a) de que a pesquisa é orientada pela Professora Doutora Kátia Maria Kasper, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário, através do e-mail katiakasper@uol.com.br. Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais, consiste em acompanhar o processo formativo da capoeira dentro e fora da escola. Minha colaboração ocorrerá por meio de depoimentos gravados, com a preservação do anonimato, a partir da assinatura desta autorização. Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado (a), poderei contatar a pesquisadora responsável ou sua orientadora. A pesquisadora responsável me ofertou uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Fui ainda informado (a) de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos.

Identificação da pesquisa:

Título da pesquisa: Capoeira e processos formativos: cartografias afetivas
Professora responsável: Dra. Kátia Maria Kasper – UFPR
Pesquisadora responsável: Susan Alessandra de Sousa Ferreira – UFPR
Telefone para contato: (41) 99916-6497
E-mail:

Identificação do (a) participante:

Nome do (a) participante: _____
Assinatura do (a) participante: _____
Telefone para contato: _____ Data: ____/____/____

